



**Instituto Politécnico de Santarém**  
Escola Superior de Educação

Unidade Curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância

## A Organização do Ambiente Educativo na Educação de Infância

**Relatório de Estágio para a obtenção do grau de  
Mestre na Especialidade Profissional de Educação Pré-Escolar**

Elódia Filipa da Silva Oliveira

Orientadora: Professora Doutora Maria João Cardona

2013, junho

*“Quando um objecto ou ambiente é aberto a diferentes possibilidades de interpretação e uso, a criança passa a deter o poder de definir o que ele é ou para que serve, em vez de, estereotipadamente, identificar uma maneira “correcta” de o entender ou de sobre ele agir.”*

*(Talbot, J & Frost, J. 1989, p. 11-19)*

## Agradecimentos

Reservo este espaço para referir e expressar a minha profunda gratidão a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a concretização do presente trabalho.

Em primeiro lugar ao meu pai, que apesar de não estar presente foi a minha grande motivação para a finalização do meu curso.

Aos meus tios que permitiram que o meu sonho se concretizasse, que apoiaram as minhas decisões, que fomentaram em mim o sentido de procura por ser sempre melhor, nunca desistindo dos meus sonhos e objetivos.

Aos que me ajudaram com a sua orientação, conselho ou crítica, especialmente à Prof<sup>a</sup>. Doutora Maria João Cardona, pelo seu esforço e amável acompanhamento, uma palavra muito especial de agradecimento.

À Prof<sup>a</sup>. Marta Uva, pela colaboração prestada em momentos decisivos do meu percurso investigativo.

À minha colega de prática, Rafaela Coelho, pelo apoio que me deu em todos os momentos mais difíceis desta nossa caminhada.

O meu reconhecimento particular a todos os jardins-de-infância, educadoras e alunos que se disponibilizaram a participar no estudo e responderem com sinceridade às entrevistas.

Elódia Oliveira (Loló)

## Resumo

O presente relatório sintetiza a experiência e aprendizagens adquiridas no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Este é composto por duas partes: uma primeira em que são apresentados os contextos de estágio e a (auto)avaliação do percurso de aprendizagem e desenvolvimento profissional realizado, bem como uma segunda parte em que apresento a pesquisa que realizei, sobre *A organização do ambiente educativo na Educação de Infância*, partindo das questões com que me confrontei durante os estágios. Através desta pesquisa procurei compreender, a partir das perceções das crianças e das educadoras, o modo como o espaço educativo deve ser organizado e como é que este pode favorecer a realização de aprendizagens significativas por parte das crianças.

Assim, este trabalho de pesquisa assumiu-se como uma forma de apoio à minha futura prática como educadora, e ajudou-me a compreender melhor como a organização do espaço educativo está na base do desenvolvimento de pedagogias participativas da infância. Destaco também a relevância da metodologia usada nesta pesquisa, como base fundamental para a promoção de uma atitude mais crítica do trabalho realizado.

**Palavras-chave:** ambiente educativo, espaço educativo, gestão e organização, crianças e educador de infância.

## Abstract

This report is a summing up of the experience and learning process acquired in the pre-school education master's degree. It consists of two parts: in the first part the contents' internship are presented and also the self evaluation, the learning method and also the professional development as well as a second part where I present the research I made about *The organization of the educational environment in the children's education*, starting from the questions faced in the internship.

Through this research and through the behavior of educators and children I tried to understand how the educational environment should be organized and how it can help a meaningful learning.

So, this research project is a way to help my future practice as an educator, and it helped me to understand better how the educational environment is on the basis of the development of the participatory pedagogies in the childhood. Highlight for the relevance of the methodology used in this research, as a fundamental basis to the promotion of a critical attitude towards the project already accomplished.

**Keywords:** educational environment, educational space, management and organization, children and childhood educator.

# Índice

|  |     |
|--|-----|
| Agradecimentos   | I   |
| Resumo   | II  |
| Abstrat  | III |
| Índice   | IV  |
| <br>   |     |
| Introdução   | 1   |
| Parte I  | 4   |
| 1. Introdução aos contextos de estágio                                 | 4   |
| 2. Contextos de estágio  | 8   |
| 3. Percurso de desenvolvimento profissional                            | 15  |
| 4. Percurso Investigativo  | 24  |
| Parte II - A Organização do Ambiente Educativo na Educação de Infância | 26  |
| 1. O desenvolvimento curricular  | 26  |
| 2. A organização do ambiente educativo                                 | 30  |
| 3. Problemática e objetivos da pesquisa                                | 36  |
| 4. Metodologia da pesquisa   | 39  |
| 4. Apresentação da Análise de Dados                                    | 45  |
| Principais Conclusões do Tratamento de Dados                           | 51  |
| 5. Síntese Final   | 55  |
| Reflexão Final   | 57  |
| Referências Bibliográficas   | 59  |
| Anexos   | 62  |

## Índice de Figuras

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Finalização da construção do palco.....                      | 14 |
| Figura 2 - Exploração livre do palco.....                               | 14 |
| Figura 3 - Festa final de ano.....                                      | 14 |
| Figura 4 – Aspetos a considerar na organização do espaço educativo..... | 33 |
| Figura 5 - Participação das crianças na decoração da nova área.....     | 57 |

## Índice de Quadros

|   |    |
|---|----|
| Quadro N°1 – Objetivos gerais do meu estudo.....                                      | 37 |
| Quadro N°2 – Guião da entrevista às crianças (antes da construção da nova área) ..... | 40 |
| Quadro N°3 – Guião da entrevista às crianças (após a construção da nova área).....    | 41 |
| Quadro N°4 – Guião da entrevista às educadoras.....                                   | 42 |
| Quadro N°5 - Caracterização das crianças entrevistadas.....                           | 45 |
| Quadro N°6 - Caracterização das educadoras entrevistadas.....                         | 48 |

## Índice de Anexos

Anexo I - Artigo do Projeto Europeu TODDLER - *Por oportunidades para crianças desfavorecidas e com necessidades educativas especiais com menos de 3 anos*

Anexo II - Projeto Creche “Estará a decoração da sala adequada às necessidades das crianças?”

Anexo III - O que dizem as crianças

Anexo IV - O que dizem as educadoras

## **Introdução**

O relatório final de estágio que apresento representa uma síntese de todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo, mais propriamente dos dois semestres que integram o Mestrado em Educação Pré-escolar.

Para nós, futuras profissionais da educação, o estágio representa uma experiência única que nos permite, enquanto aspirantes, vivenciar novas realidades, bem como contactar com novas experiências que, no meu ponto de vista, se assemelham aquelas que serão a nossa futura realidade.

Assim sendo, os dois estágios realizados no âmbito deste mesmo Mestrado decorreram em períodos de dez semanas, durante o ano letivo 2011/2012 em instituições, da rede pública e privada, da cidade de Santarém. Um decorreu em contexto de creche, com um grupo de crianças com apenas um ano de idade, de uma IPSS, enquanto que o outro foi realizado num jardim-de-infância de uma instituição pública, com crianças entre os três e os seis anos de idade.

Durante a minha prática pedagógica em Educação de Infância, tive a oportunidade de observar que existem ambientes educativos, tanto em contexto de creche, como em contexto de jardim-de-infância, bem organizados, no que diz respeito ao espaço, materiais e tempo, que proporcionam aprendizagens significativas às crianças, enquanto outros não.

Posto isto e tendo em conta o papel do educador, enquanto facilitador de aprendizagens, tornou-se emergente compreender de que forma o ambiente educativo influencia ou não as aprendizagens das crianças.

Segundo Zabalza (2007), e sabendo que a organização do espaço educativo influencia as aprendizagens e, conseqüentemente, o próprio desenvolvimento das crianças, é de extrema importância que este esteja preparado para receber as mesmas, se adapte a elas e, se necessário, se altere em função das necessidades por elas apresentadas.

Desta forma, é extremamente fulcral que as crianças se sintam bem num espaço que é seu ou que, pelo menos, contou com a sua participação durante a construção.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar,

*“Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender.*

*(...)*

*O processo de aprendizagem implica também que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado e que participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. O conhecimento do espaço, dos materiais e das actividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo” (M.E./DEB, 1997, p. 37-38).*

É do conhecimento de qualquer profissional da educação que, a organização do ambiente educativo, os materiais que o constituem, bem como até as próprias dimensões do espaço, encontram-se intimamente relacionados com as aprendizagens das crianças, no que diz respeito à educação de infância. Assim, e tendo em conta a afirmação de Zabalza (1987 cit. por Zabalza, 2007, p. 236), “o espaço na educação é constituído como uma estrutura de oportunidades” ou seja, o ambiente educativo é considerado um recurso que auxilia as crianças no seu desenvolvimento global. Deste modo, este deverá ser suficientemente rico e estimulante para o grupo de crianças e para cada uma das crianças do grupo.

O presente relatório pretende proporcionar uma visão global das diferentes componentes do trabalho desenvolvido ao longo dos estágios, estando estruturado em duas partes.

A primeira parte diz respeito à contextualização da prática profissional (estágio), onde são considerados (I) os contextos de estágio; (II) o percurso de desenvolvimento profissional; (III) o percurso investigativo.

A segunda parte deste relatório faz referência a uma questão investigativa, desenvolvida ao longo da prática, no sentido de compreender de que forma é organizado o ambiente educativo, bem como de perceber o modo como o educador e as crianças participam na construção do mesmo.

Para além da apresentação da metodologia utilizada no presente estudo, é também apresentada nesta segunda parte, a fundamentação teórica sobre o tema pesquisado, o trabalho de pesquisa realizado e dados recolhidos, bem como a análise dos mesmos e principais conclusões.

No enquadramento teórico, são abordados os fundamentos conceptuais e teóricos sobre a organização do ambiente educativo. O ambiente educativo assume-se

como um dos aspetos primordiais nas aprendizagens das crianças, uma vez que é neste que elas adquirem conhecimentos e se tornam autónomas, dentro das suas capacidades.

Por fim e apresentada uma reflexão final do trabalho de pesquisa e da globalidade do meu percurso de aprendizagem durante a minha formação enquanto profissional de educação.

## Parte I

### 1. Introdução aos contextos de estágio

No presente relatório pretendo, antes de apresentar os contextos de estágio, caracterizar a Educação de Infância em Portugal, evidenciando alguns dos aspetos organizacionais intrínsecos aos contextos de Creche e Jardim-de-infância, uma vez que a minha questão investigativa assenta, essencialmente, na forma como estes se encontram organizados, bem como no modo como proporcionam aprendizagens significativas às crianças.

Posto isto, e tendo em conta toda a legislação que rege qualquer uma das valências, faz todo o sentido citar alguns dos aspetos mais importantes da organização curricular de cada uma delas.

Após a minha participação no projeto europeu *TODDLER - Por oportunidades para crianças desfavorecidas e com necessidades educativas especiais com menos de 3 anos*<sup>1</sup>, verifiquei que é evidente a carência de respostas relativamente à cobertura institucional das crianças com menos de 3 anos.

Na educação de infância em Portugal, são vários os tipos de reposta que existem para as crianças dos 0 aos 3 anos de idade. Segundo o Ministério da Solidariedade e da Segurança Social, e sob a tutela deste mesmo, as crianças na primeira infância podem usufruir das seguintes opções:

**“Oferta não formal** constituída por entidades como a família, amigos e vizinhos; empregadas domésticas, amas não licenciadas e baby-sitters.

**Modalidades formais de oferta:**

- ***Ama*** é a pessoa que, por conta própria e mediante retribuição, cuida de uma ou mais crianças (até o máximo de quatro) que não sejam suas, parentes ou afins, por um período de tempo correspondente ao trabalho ou impedimento dos pais;
- ***Creche*** constitui uma resposta social de âmbito socio-educativo que se destina a crianças dos 3 meses aos 3 anos de idade, durante o período diário correspondente ao trabalho dos pais, proporcionando às crianças condições adequadas ao

---

<sup>1</sup> Vide Anexo I

desenvolvimento harmonioso e global e cooperando com as famílias em todo o seu processo educativo;

- **Mini-creche** é uma organização pequena e de ambiente semelhante ao familiar, incluindo 5-6 crianças;
- **Creche familiar** é o conjunto de amas, não inferior a 12 nem superior a 20, residentes na mesma zona geográfica, enquadradas técnica e financeiramente pelos Centros Regionais de Segurança Social, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa ou Instituições Particulares de Solidariedade Social com actividades que se desenvolvem com crianças dos 0 anos de idade à idade regulamentar de ingresso no Ensino Básico.” (Portaria 411/2012, de 14 de dezembro. Consultado em janeiro de 2013)

Assim, e de acordo com a Portaria nº 411/2012, a creche “ (...) prossegue objectivos e desenvolve actividades que visam o bem-estar e desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, bem como a conciliação da vida familiar e profissional(...).” (Consultado em janeiro de 2013)

Em Portugal, a entidade reguladora e fiscalizadora da educação das crianças com menos de 3 anos - Creche, foi estabelecida pela Segurança Social (sistema de assistência e proteção económica que garante um conjunto das regalias sociais aos beneficiários em situações de reforma, doença, desemprego, etc.) Ao longo dos anos esta entidade criou alguns documentos oficiais que “ (...) constituem princípios orientadores por forma que as Creches estejam organizadas de modo a criarem um quadro de vida capaz de responder, de forma particular, às necessidades e interesses das crianças.” (Direcção-Geral da Ação Social. 1996, p.5)

*“O reconhecimento da Educação Pré-Escolar como primeira etapa da Educação Básica veio colocar a Educação Pré-Escolar dentro do sistema educativo e não à margem dele. Pena é que o mesmo não tenha acontecido para a faixa etária dos 0-3 anos, porque de educação dos mais pequeninos se trata e não de mera guarda.” (Vasconcelos, T. 2002, p.5)*

Por sua vez, e ao contrário da Creche,

*(...) a actual Lei de Bases do Sistema Educativo Português (1986) considera-se como Educação Pré-Escolar apenas a educação destinada às crianças dos 3 aos 6 anos, idade de ingresso na escolaridade obrigatória, sendo a/ os profissionais designada/ os por educador/es de infância e as instituições por Jardins-de-infância. Todas as instituições que acolhem*

*crianças com menos de 3 anos designam-se por Creches.*” (Cardona, M<sup>a</sup>. 2006, p.25)

Assim, compreende-se a educação Pré-escolar como a primeira etapa do Sistema Educativo Português que antecede à escolaridade obrigatória. De frequência facultativa, esta abrange crianças a partir dos 3 anos até à idade de entrada para o Ensino Básico (5/6 anos).

Deste modo, pode-se dizer que, a Educação Pré-Escolar dá continuidade a um processo que se iniciou na família e/ ou numa instituição educativa (Creche).

A organização curricular do Pré-escolar é estabelecida pelo documento intitulado *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Este documento surgiu das contribuições de serviços e instituições que desempenharam um papel fulcral na Educação Pré-Escolar, bem como dos educadores que se disponibilizaram para analisar o documento base, apresentando as suas críticas e sugestões, tendo em conta as suas práticas pedagógicas. (ME/DEB, 1997)

As Orientações Curriculares definem assim, um conjunto de princípios gerais, pedagógicos e organizativos para o educador de infância na tomada de decisões sobre a sua prática, isto é, na condução do processo educativo a desenvolver com as crianças (M.E./DEB, 1997).

Contudo, o documento acima referido não é um programa, uma vez que as suas indicações são centradas no educador e não nas aprendizagens a realizar pelas crianças, tal como se verifica no Programa do Ensino Básico.

Segundo a Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, o Ministério da Educação em 2010 implementou Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar que, tal como as Orientações Curriculares, também estas têm um carácter orientador e indispensável às práticas dos educadores. Estas Metas inserem-se na Estratégia Global de Desenvolvimento do Currículo Nacional e propõem assegurar as aprendizagens e consequentemente os resultados escolares nos diferentes níveis educativos.

Em suma, a educação pré-escolar assume-se como um fator impulsionador de todas as aprendizagens das crianças, que irão ter continuidade, posteriormente, no Ensino Básico.

*“ (...) Esta reorganização decorre da opção, que é comum à definição das metas para todo o ensino básico, de estabelecer uma sequência das aprendizagens*

*que, neste caso, visa particularmente facilitar a continuidade entre a educação pré-escolar e o ensino básico.”* (Metas de Aprendizagem - <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/educacao-pre-escolar/metas-de-aprendizagem/>. Consultado em agosto de 2012)

## 2. Contextos de estágio

### Creche

No âmbito da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância e, segundo a proposta efetuada pelos docentes desta disciplina, iniciei o estágio no dia 2 de Novembro numa IPSS de Santarém, em contexto de Creche, seguindo-se um segundo momento de estágio em contexto de Educação Pré-Escolar, numa instituição pública, também da zona de Santarém, que teve início no dia 6 de Março. Os dois períodos de estágio foram acompanhados por diferentes educadoras, mas pela mesma orientadora da instituição de formação.

Posto isto, o meu decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) sem fins lucrativos que tem como principal objetivo a prática de solidariedade social. Situada na zona de Santarém, a instituição A é constituída por duas valências de Creche e uma de Pré-escolar.

Esta contava, na altura, com a frequência de 79 crianças entre o berçário, a sala de 1/2 anos e a sala dos 2/3 anos e com 148 crianças entre a sala dos 3/4 anos, a sala dos 4/5 anos e a sala dos 5/6 anos, no que diz respeito ao Pré-escolar.

Iniciei o estágio com o intuito de observar e registar o espaço educativo e a sua organização curricular. Durante a semana de observação tentei recolher informação junto da educadora cooperante sobre o projeto da Instituição e da Sala e ainda registar e compreender as rotinas da mesma, as características do grupo e de cada criança e os materiais que tínhamos à nossa disposição.

No projeto de Creche delineei objetivos e estratégias em conformidade com o grupo que me foi atribuído. Um grupo de 14 crianças com idades compreendidas entre os onze e os vinte e três meses, dos quais 6 eram do sexo masculino e 8 do sexo feminino. A maioria das crianças já tinha frequentado o berçário, com exceção das crianças mais novas que, apesar das divergências, se encontravam totalmente integradas no grupo.

A expressão oral da maioria das crianças era adequada à sua faixa etária, na medida em que aplicavam alguns vocábulos e usavam o gesto para se fazerem entender.

No que diz respeito às rotinas alimentares, grande parte das crianças do grupo já comiam sozinhas, com a colher, bem como bebiam água sozinhas num copo de plástico.

Relativamente às rotinas higiénicas, todas as crianças dependiam ainda do auxílio do adulto, independentemente de utilizarem fraldas ou bacio.

O grupo tinha como interesses a dança, a música, histórias, desenho, pintura e construções de legos (com peças grandes e simples). Era um grupo que já conseguia estar sentado na manta durante o lanche da manhã e durante a audição de histórias e canções.

As crianças desta sala não gostavam de partilhar os seus brinquedos e não sabiam utilizar os espaços da sala para brincarem. Nesta fase, as crianças encontravam-se a aprender a explorar os “cantinhos”, bem como pequenas regras de convivência.

O ambiente educativo era bastante acolhedor mas, no meu ponto de vista, era um pouco pobre no que diz respeito aos materiais disponibilizados às crianças. As paredes encontravam-se vazias (menos na época de natal), bem como os materiais com que as crianças brincavam eram sempre os mesmos.

Assim, após um período de observação das crianças e dos seus interesses mais imediatos, decidi implementar o Projeto Pedagógico intitulado: *“Estará a decoração da sala adequada às necessidades das crianças?”*<sup>2</sup>

Atribuí este tema ao projeto, uma vez que compreendi que, a organização do espaço, bem como dos respetivos materiais, assumem-se como de extrema importância, na medida em que proporcionam às crianças um crescimento saudável.

Com a elaboração do mesmo pretendi também, assegurar as aprendizagens das crianças, proporcionando-lhes diversas atividades e diversos materiais, de forma a estimular e despertar os seus interesses.

Para que todas as atividades acontecessem num clima harmonioso e de forma organizada, era desejável que na sala existissem alguns espaços lúdicos que convidassem à brincadeira livre e à realização de atividades orientadas. A organização do espaço é importante em qualquer contexto educativo, porque pode condicionar positiva ou negativamente qualquer atividade dirigida ou livre praticada pelas crianças.

*“ É necessário um espaço bem definido, em que os materiais estejam organizados de uma forma lógica, devidamente identificados, para que a criança os consiga encontrar e arrumar facilmente, sem necessitar da interferência do adulto. (Cardona, M. 1992, p.9)*

---

<sup>2</sup> Vide Anexo II

Assim, a organização do espaço da sala é importante e proporciona maior motivação e alegria na prática de todas as atividades, se for especialmente apelativo aos sentidos (com cores, texturas, sons.)

Pensei também, que, implementando algumas alterações no contexto de sala, os espaços poderiam ser melhorados, tornando-se mais atrativos para as crianças. Esperava também criar oportunidades para explorar o espaço exterior, utilizando o pátio para realizar brincadeiras livres, mas neste primeiro estágio não foi possível devido às adversidades climatéricas, bem como à faixa etária das crianças.

*“A criança dos 2 aos 6 anos tem, sobretudo, o espírito do descobridor. Tudo, ou quase tudo, é novo para ela ou apresenta matizes e reptos à sua curiosidade. É uma curiosidade a vários níveis: perceptivo e sensorial, motor, táctil, experiencial. Está descobrindo o mundo e a si mesma. Por isso, a aula não pode converter-se num espaço fechado; terá que ser, isso sim, um espaço de horizontes rasgados. O nosso papel não é o de pôr palas na criança para que ela só olhe numa direcção, mas sim o de multiplicar os estímulos, as perspectivas, as paisagens, os detalhes. A nível de espaço isso significa enriquecer e diversificar os estímulos. As formas que formos capazes de dar aos espaços influenciarão, de maneira clara, o desenvolvimento perceptivo-sensorial, motor e intelectual das nossas crianças.” (Zabalza, M., 1992, p.126)*

Este projeto decorreu ao longo do 1º semestre e foi construído e desenvolvido por mim e pela minha colega de estágio, com a participação da educadora cooperante e a orientadora de estágio.

Contudo, as alterações que inicialmente tinha idealizado para reorganizar e dinamizar o espaço não foram totalmente concretizadas porque o período de estágio foi muito reduzido para permitir a sua implementação.

Assim, e avaliando a aplicação deste mesmo projeto, posso afirmar que várias foram as alterações que o ambiente educativo sofreu. Tal como já tinha afirmado anteriormente, o gosto pela música era algo intrínseco às crianças deste grupo. Posto isto, decidi levar um rádio para a sala, bem como construir vários instrumentos musicais para as crianças. A minha colega, por sua vez, decidiu construir uns *mobiles* para colocar nas paredes da sala.

Todos os materiais foram muito bem aceites pelas crianças, inclusive a bola “gigante” (nome que dei à bola de ginástica) que, para além de toda a curiosidade,

causou ainda uma enorme alegria a todos, assim como contribuiu muito para o desenvolvimento da motricidade da maioria das crianças do grupo.

### **Jardim-de-Infância**

No 2º semestre da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância, foi-me proposto realizar um estágio em contexto de Educação Pré-Escolar, também numa instituição, neste caso da rede pública, da zona de Santarém.

Antes de iniciar o estágio recolhi informações junto da estagiária, minha antecessora, para compreender o seu projeto e aconselhar-me sobre objetivos e estratégias a adotar com as crianças da sala.

Iniciei o estágio no dia 6 de Março, na instituição B, seguindo a mesma estratégia do estágio da Creche, por considerar que a mesma dera resultados positivos. A instituição B caracteriza-se por ser um edifício antigo, cujas instalações foram adaptadas para o funcionamento do jardim-de-infância, encontrando-se em funcionamento há 25 anos.

Como a semana de observação foi curta, devido à preparação do Festival, tentei recolher informação junto da educadora cooperante, sobre o projeto da instituição e da sala, registando e compreendendo as suas rotinas, as características do grupo e de cada criança, bem como dos materiais que tínhamos à nossa disposição.

O grupo caracterizava-se por ser composto por 14 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade. No início do ano letivo existiam mais duas crianças no grupo, uma de etnia cigana e outra que, no início do período de aulas mudou de área de residência.

Em conversas informais com a educadora cooperante verifiquei que o grupo, inicialmente revelava dificuldades ao nível da socialização, nomeadamente no que diz respeito à sua interação com o público. Contudo, com os diversos workshops proporcionados pela educadora, a maioria das crianças conseguiu combater essa dificuldade, não se verificando já nenhum caso de falta de autoestima.

Foi minha intenção, bem como do meu par de estágio, dinamizar atividades “ (...) em que as crianças são consultadas sobre a organização do espaço e do tempo, tomam iniciativa de actividades, colaboram nas propostas do educador e das outras crianças, cooperando em projectos comuns.” (M.E./DEB, 1997, p.54)

Relativamente ao mobiliário e materiais disponíveis, estes eram diversificados e encontravam-se adaptados às necessidades das crianças, uma vez que a disposição dos mesmos nas diversas áreas era de fácil acesso, proporcionando assim, uma melhor organização, autonomia e orientação das crianças no espaço.

Verifiquei também, e tendo em conta ainda a organização do ambiente educativo, que existem diversas áreas na sala dedicadas à leitura, à escrita, aos jogos, às construções, à pintura, à matemática, e principalmente à fantasia.

Contudo, existe uma atividade dirigida que faz parte do dia-a-dia das crianças e que elas não dispensam da sua rotina diária - a leitura de uma história. Deste modo, e indo ao encontro dessa necessidade infantil, propusemo-nos a criar e adotar novas estratégias para contar histórias às crianças desta faixa etária, com o intuito de as estimular e promover, posteriormente, aprendizagens significativas.

Posto isto, o nosso projeto inseriu-se na Área da Expressão e Comunicação, na medida em que, a leitura de histórias assume um papel preponderante no que diz respeito ao conhecimento e alargamento, não só do campo lexical, mas também do desenvolvimento intelectual das crianças.

*“Ao iniciar a educação pré-escolar, a criança já realizou algumas aquisições básicas nos diferentes domínios da área de expressão e comunicação. Estas são o ponto de partida para o educador favorecer o contacto com as várias formas de expressão e comunicação, proporcionando o prazer de realizar novas experiências, valorizando as descobertas da criança, apoiando a reflexão sobre estas experiências e descobertas, de modo a permitir uma apropriação dos diferentes meios de expressão e comunicação. Este processo implica planear e proporcionar situações de aprendizagem diversificadas e progressivamente mais complexas.”*  
(M.E./DEB, 1997, p.56)

Pretendi, ainda, articular o nosso projeto com todos os programas desenvolvidos pela instituição, nomeadamente com o festival *“III Festival de Ilustração do Conto Infantil - Mil e uma cores de encantar”* que teve início no dia 20 de Março, em conjunto com a Escola do 1º Ciclo.

Com a realização do *“III Festival de Ilustração do Conto Infantil - Mil e uma cores de encantar”* tentei proporcionar às crianças o conhecimento de algumas características intrínsecas ao conto infantil, nomeadamente à história *“A Feiticeira de Oz”*, mobilizando como estratégia, a construção de ateliês e algumas atividades lúdicas.

Assim, e como já tinha sido referido anteriormente, ambicionámos articular Área da Expressão e Comunicação com todas as outras áreas de conteúdo, de forma a que as aprendizagens das crianças sejam mais significativas.

Posto isto, e após termos identificado as necessidades e os interesses do grupo, foi da nossa intenção implementar o projeto intitulado de “*Quem conta um conto, acrescenta um ponto - mil e uma maneiras de contar histórias*”.

Deste modo, e de acordo com as potencialidades e interesses das crianças, tentámos desenvolver um projeto em que “a criança desempenha um papel ativo” (M.E./DEB, 1997, p.19), onde estejam contempladas aprendizagens ativas e diversificadas, de acordo com os seus interesses, necessidades, características individuais e de grupo, assim como o espaço educativo e o contexto familiar.

Sendo este o ponto de partida, não pudemos deixar de contemplar na nossa intencionalidade educativa todas as áreas de conteúdo na sua transversalidade. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar estas são “ como âmbitos de saber (...), incluem diferentes tipos de aprendizagem (...) atitudes e saber-fazer” (M.E./DEB, 1997, p.47).

Durante o período de estágio adequiei as minhas leituras e pesquisas científicas às necessidades das crianças e às minhas, no sentido de enriquecer a minha experiência e alargar o meu conhecimento. Contudo, tive sempre presente, quer na construção do projeto, quer nas planificações, alguns dos documentos referenciados pelo Ministério da Educação: as Metas de Aprendizagem, as Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar (OCEPE) e as brochuras.

As Metas de Aprendizagem foram um dos instrumentos de trabalho que utilizei para delinear os objetivos a desenvolver com as crianças uma vez que “ (...) facultam um referencial comum que será útil aos educadores de infância, para planearem processos, estratégias e modos de progressão de forma a que, ao entrarem para o 1.º ciclo, todas as crianças possam ter realizado as aprendizagens, que são fundamentais para a continuidade do seu percurso educativo.” (<http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/educacao-pre-escolar/metas-de-aprendizagem/>. Consultado em agosto de 2012)

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) foram também um documento de referência porque constituem “um conjunto de princípios gerais e organizados para serem utilizados pelo educador para tomar decisões sobre a

sua prática, ou seja, planejar e avaliar o processo educativo a desenvolver com as crianças” (M.E./DEB, 1997, p.13).

Tentei, sempre que houve necessidade, delinear estratégias partindo das brochuras do Ministério da Educação como documento de ajuda e rigor científico.

Posto isto, o projeto decorreu ao longo do 2º semestre e foi construído e desenvolvido por mim e pela minha colega de estágio, com a participação da educadora cooperante e a orientadora de estágio.

Relativamente à avaliação do mesmo, posso afirmar que ao implementá-lo combati uma das minhas maiores fraquezas, ler histórias às crianças, uma vez que não confiança em mim mesma e nas minhas capacidades enquanto contadora de histórias.

Porém, e de forma a ultrapassar essa lacuna, decidi ler as histórias recorrendo, sempre que possível, a diversas estratégias (fantoques, caixa das estórias, audiovisual, entre outras), assim como planejar as atividades de acordo com o tinha lido anteriormente, não descurando das necessidades e interesses das crianças.

Em relação à minha questão investigativa, e tal como já tinha afirmado inicialmente, o espaço educativo encontrava-se bem organizado, assim como era constituído por materiais adequados às necessidades das crianças. Deste modo, decidi, juntamente com a educadora cooperante, criar uma nova área, fora da sala, mas inserida ainda no ambiente educativo - um palco, para que as crianças pudessem trabalhar a expressão dramática.

Neste espaço, as crianças davam largas à imaginação/faz-de-conta, na medida em que a maior parte das brincadeiras no palco passavam pela dramatização de histórias, por jogos de grupo, bem como por danças por eles inventadas. Um aspeto curioso, foi o facto de o mesmo ser sempre utilizado pelas duas turmas de jardim.

Já no final do ano letivo, este foi usado por toda a comunidade educativa, bem como pelos próprios pais das crianças, na festa de final de ano.



Figura 1 - Finalização da construção do palco



Figura 2 - Exploração livre do palco



Figura 3 - Festa de Final de Ano

### **3. Percurso de desenvolvimento profissional**

Durante as minhas intervenções pedagógicas, várias foram as questões que me surgiram e me fizeram refletir, no sentido de procurar esclarecer e aperfeiçoar as minhas aprendizagens.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (M.E./DEB,1997, p. 25-28), o educador deverá possuir a capacidade de saber observar, planejar, agir, avaliar, comunicar e articular, de forma a que as crianças atinjam o tao desejado sucesso educativo.

Deste modo, e tendo em conta o que foi referido anteriormente, as práticas de um bom educador deverão assentar na capacidade de observar cada criança e o grupo, de forma a perceber os seus interesses, dificuldades e capacidades para, posteriormente, adaptar as suas estratégias, planeando assim, de modo estimulante e desafiante. Para além de todas estas práticas, o mesmo deverá ainda possuir a capacidade de avaliar e refletir sobre a sua ação, de modo a melhorar e responder às necessidades das crianças., pois segundo Gomez (1997, p.110), “aprende-se fazendo e refletindo na e sobre a ação”.

Com efeito, o educador deverá possuir a capacidade de fazer da sua prática campo de reflexão teórica (Alarcão. 1996), ou seja, deverá analisar a sua prática à luz dos conhecimentos que possui, bem como questionar a eficácia das estratégias utilizadas, podendo vir a substituí-las ou modificá-las, caso estas não estejam a produzir os resultados desejados.

Assim, das várias questões que me surgiram destaco as seguintes: Como avaliar o bem-estar e envolvimento das crianças? Como intervir quando verifico um conflito entre crianças (independentemente da idade)? De que forma a organização do ambiente educativo condiciona ou não a construção do conhecimento e, conseqüente aprendizagem das crianças?

#### **3.1. Envolvimento e Bem-Estar**

Avaliar o modo como as crianças se encontram envolvidas e motivadas na execução de uma tarefa, ou até mesmo num cumprimento de uma rotina diária, é uma função que exige um enorme envolvimento por parte do educador, na medida em que, e seguindo o raciocínio de M<sup>a</sup> do Céu Roldão (2003, p.41) “avaliar é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer

aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução.”

Contudo, para avaliarmos o envolvimento temos de ter em conta o bem-estar da criança e vice-versa. Assim, e segundo Laevers (2008, p. 18), compreende-se o bem-estar como “(...) uma condição para o envolvimento, mas é capaz de ser um pouco mais complexo, pois a criança, em certos casos, até pode não se sentir bem, mas podem ocorrer determinadas coisas que façam com que se envolva e seja capaz de experienciar e desenvolver as suas capacidades.”

Deste modo, e de forma a compreender melhor as necessidades das crianças, decidi observá-las e avaliá-las individualmente, uma vez que cada criança apresenta diferentes níveis de desenvolvimento físico, psicológico e emocional.

Durante o meu estágio em creche, o meu trabalho baseou-se essencialmente por observar as rotinas diárias das crianças, com o intuito de perceber se elas cumpriam ou não com as mesmas, se o faziam de autonomamente e, principalmente, se sentiam prazer e motivação em realizá-las.

Assim, e tendo em conta todo o trabalho desenvolvido, posso afirmar que foi-me possível identificar as dificuldades e facilidades das crianças ao realizarem uma tarefa comum do seu dia-a-dia. Este método também me permitiu implementar novas estratégias de forma a combater as dificuldades sentidas pelas crianças, contribuindo assim para um maior sucesso de novas aprendizagens.

Posto isto, foi notória a evolução que observei das crianças tendo em conta o fator autonomia, uma vez que muitas delas já começavam a comer sozinhas, sem o auxílio do adulto.

Segundo Nancy Brickman e Lynn Taylor (1991, p.16) “A autonomia é a capacidade de independência e de exploração que leva uma criança a dizer frases do tipo “o que será que está atrás daquela porta?” e “Eu faço”. Embora necessite de uma ligação muito estreita com os pais ou quem dele cuide, a criança também precisa de desenvolver uma percepção de si própria como pessoa distinta que é capaz de fazer as suas escolhas e de realizar coisas para si própria.”

Assim, é relevante salientar a importância que a rotina diária assume perante as crianças, uma vez que são elas que preparam as crianças para desenvolverem pequenas tarefas comuns do seu quotidiano.

*“A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. Nem todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual. ” (ME/DEB. 1997, p. 40)*

Em suma, constato que todas as rotinas diárias das crianças foram observadas e avaliadas individualmente, na medida em que cada criança é um ser uno, com um ritmo de aprendizagem próprio e comum, tendo em conta a faixa etária em que se insere.

*“As crianças diferem em suas características evolutivas. Elas amadurecem em ritmos diferentes e têm potenciais e dificuldades distintas, bem como diferentes estilos de aprendizagem. Algumas destas diferenças parecem estar ligadas a mecanismos internos da criança, enquanto outras resultam de suas interações com o ambiente. Elas aprendem coisas diferentes de seus ambientes, e este aprendizado influencia seus padrões de desenvolvimento.” (Spodek e Saracho. 1998, p.104)*

Posto tudo isto, considero que avaliar o envolvimento e bem-estar das crianças assume-se como uma tarefa extremamente complexa, uma vez que implica observar o “íntimo” da mesma, pois uma criança pode cumprir com a rotina diária, não se sentindo minimamente envolvida na mesma. Deste modo, como futura profissional da educação, deverei explicitar muito bem aquilo que pretendo observar quando a criança está envolvida na atividade ou brincadeira e se estas lhe proporcionam ou não bem-estar.

Para me ajudar a avaliar o envolvimento das crianças, recorri à escala de envolvimento Lovaina, uma vez que foi um dos grandes mentores deste estudo foi Ferre Laevers. Também utilizei grelhas de observação que me permitiram acompanhar a evolução de cada criança ao longo do período de estágio. Contudo, penso que estas não devem ser estanques, uma vez que devem ser construídas e adaptadas tendo em conta as características do grupo, de cada criança e, essencialmente da realidade que é vivida em cada sala.

Considero também que a organização do ambiente educativo, neste caso em contexto creche, influencia o bem-estar e envolvimento das crianças, pois se a criança tiver à sua disposição um ambiente rico (em materiais e estímulos), maior será o seu

interesse, curiosidade e, conseqüentemente, maior será o seu desenvolvimento - “Se houver envolvimento, há desenvolvimento!” (Laevers, F. 2008, p. 17)

### 3.2. Resolução de conflitos

A questão da resolução dos conflitos deve ser uma questão comum a todas as futuras profissionais da educação, uma vez que nos deparamos com uma realidade que até à data desconhecíamos: ver duas crianças a brigar e querer resolver a situação sem prejudicar nenhuma delas.

Esta questão surgiu no meu estágio em Creche, na medida em que comecei a aperceber-me das constantes desavenças entre as crianças devido à partilha dos brinquedos. Nesta faixa etária é bastante comum as crianças não se sentirem completamente à vontade para partilharem os seus brinquedos. Segundo Arnold Gesell (2000, p. 151) “A criança desta idade é essencialmente egocêntrica. A maioria das suas reacções, relacionam-se com ela mesma e com as suas próprias atividades. (...) ignora quase por completo as outras crianças.”

Sempre que as crianças brigavam eu entrevistava, tentando sempre facilitar a situação para ambas. Contudo, muitas das vezes não sabia se estava a agir da melhor forma ou não, na medida em que desconhecia, em grande parte dos casos, os motivos que levaram aquelas crianças a entrar em conflito, acabando simplesmente por as afastar e retirar o brinquedo a ambas.

Deste modo, e tendo em conta as estratégias propostas por Formosinho (1996), tentei implementar as melhores estratégias de forma a minimizar os conflitos:

- a) *“Intervir imediatamente para parar um comportamento que seja destrutivo ou que ponha em perigosa segurança da criança;*
- b) *Usar a linguagem verbal para identificar os sentimentos e as preocupações das crianças;*
- c) *Pedir às crianças que exprimam por palavras os seus desejos e sentimentos;*
- d) *Pedir às crianças que apresentem as suas próprias soluções para a resolução de um problema;*
- e) *Dar às crianças escolhas para a resolução de um problema apenas quando elas se apresentem como opções possíveis de concretizar;*
- f) *Evitar o uso de linguagem punitiva ou que expresse um julgamento;*

g) *Quando se pára um comportamento que é inaceitável, deve-se explicar as razões às crianças;*

h) *Antes de parar uma situação de conflito, verificar se as crianças conseguem resolve-la sem o apoio do adulto.” (Formosinho. 1996, p.85)*

Assim, e tendo em conta as estratégias enunciadas anteriormente, decidi ficar mais atenta ao comportamento das crianças, de forma a poder responder adequadamente à situação de conflito.

Posto isto, sempre que este surgia e, após ter conhecimento da causa, a minha primeira reação era separar as crianças. Seguidamente tentava compreender os motivos que tinham originado a sua desavença. Grande parte das vezes foi difícil compreender esses motivos, uma vez que as crianças ainda não possuíam um vocabulário propriamente desenvolvido, com uma articulação bastante deficitária.

Desta forma, a melhor solução que encontrei foi intervir sempre que verificava um conflito, questionando as crianças sobre o que se tinha passado (apesar de não obter nenhuma resposta concreta, uma vez que as competências comunicativas das crianças ainda não se encontravam bem desenvolvidas), de modo a resolver a situação sem prejudicar nenhum dos intervenientes. Ajudá-las a brincar em conjunto e, essencialmente, a partilharem os seus brinquedos, foi também outra solução que me ajudou a reduzir o número de conflitos. Foi então que me surgiu uma nova questão: como é que posso ajudar as crianças a resolver os conflitos quando ainda não verbalizam corretamente?

De modo a obter respostas às minhas questões, decidi fazer pesquisas que me ajudassem a chegar a algumas conclusões. Assim, verifiquei que segundo um dos modelos pedagógicos, o High-Scope, os adultos devem ajudar as crianças a ultrapassar os seus próprios conflitos através de estratégias de resolução dos problemas.

“ Estratégias para problemas de comportamento

1. Os membros da equipa podem revezar-se para tomar conta de uma criança com problemas de comportamento;
2. Quando as atitudes da criança se tornam incontroláveis, deve pôr-se fim ao comportamento desadequado, proporcionando-se o controlo físico que falta à criança e, ao mesmo tempo, explicando-lhe calmamente as razões que tornam esse comportamento inaceitável. Se a criança for incapaz de dizer o que sente, será bom fazer-lhe uma descrição desses sentimentos.

(...)

3. Nos momentos em que a criança estiver calma, deve-se brincar e falar com ela.
4. Registem a observação das atitudes da criança, procurando descobrir padrões de comportamento.
5. Utilizem a rotina escolar diária como instrumento para ajudar a criança a controlar o seu próprio comportamento.  
(...)
8. Procurem obter a colaboração dos pais da criança nos esforços dos educadores para lidarem com ela. (Nancy Brickman e Lynn Taylor. 1991, p.44)

### **3.3. Organização do ambiente educativo**

A minha grande questão investigativa prende-se essencialmente sobre a forma como se encontra organizado o ambiente educativo e, principalmente, se este condiciona ou não as aprendizagens das crianças, uma vez que no início do primeiro estágio deparei-me com uma sala pouco enriquecida, no que diz respeito aos recursos pedagógicos proporcionados às crianças.

Durante toda a minha formação, sempre ouvi dizer que a “decoreção” das paredes, bem como de todo o espaço educativo, são extremamente importantes, no que diz respeito à aprendizagem e desenvolvimento intelectual das crianças.

Posto isto, e depois de ter tido uma conversa informal com a educadora cooperante sobre o facto de a sala se encontrar pouco apelativa e pouco estimulante, no que diz respeito às aprendizagens das crianças, pude verificar que, após algumas alterações feitas ao espaço, as aprendizagens das crianças foram muito mais significativas, na medida em que aprenderam e assimilaram novos conceitos inerentes aos materiais que lhes íamos colocando à disposição.

Por sua vez, no segundo estágio deparei-me com uma sala bastante apelativa e bem organizada, no que diz respeito à decoreção e ao tipo de materiais disponibilizados às crianças. O que me chamou bastante à atenção, foi o facto das áreas se encontrarem bem definidas e, acima de tudo, de partirem dos interesses e necessidades das crianças, pois segundo Silva (1990, p.49), citado por M<sup>a</sup> João Cardona (1999), “a ação da criança sobre determinados recursos materiais (que estão organizados de forma a constituírem um ambiente educativo estimulante para o seu desenvolvimento).”

No meu ponto de vista, a organização do ambiente educativo deve centralizar-se na ideia da criação de um espaço potenciador de oportunidades, uma vez que o crescimento das crianças passa essencialmente pela exploração do meio que as envolve, esteja ele adequado ou não às necessidades das mesmas. Tal como Zabalza afirma, “É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das atividades instrutivas. Será facilitador, ou pelo contrário limitador, em função do nível de congruência relativamente aos objetivos e dinâmica geral das atividades postas em marcha ou relativamente aos métodos educativos e instrutivos que caracterizem o nosso estilo de trabalho.” (Zabalza.1992, p.120).

Posto isto, e tendo em conta os ideais de Proshansky e Wolf (1974), citadas por Zabalza (1992), existem “dois tipos de influências exercidas pelo meio ambiente: influências diretas (quando provocam, impedem, facilitam ou dificultam um determinada conduta ou processo a desenvolver) e influências simbólicas (quando não é o ambiente em si mesmo mas sim a perceção e interpretação que os sujeitos fazem dos diferentes aspetos do ambiente o que condiciona a sua conduta e a marcha das atividades)”.

Assim, a organização do espaço educativo assume-se como a grande base do trabalho do educador, ao qual, facilita o desenvolvimento global da criança. É neste contexto, que a criança interage facilmente com os materiais expostos, partilhando todas as aprendizagens adquiridas com o pequeno e grande grupo, assim como, com os adultos presentes na sua rotina. Este ambiente torna-se mais enriquecedor, quando torna as crianças mais autónomas e ativas na escolha dos seus objetivos.

Desta forma, devemos ter bem presente que o espaço educativo, tanto pode ser visto como um contexto de aprendizagem e crescimento pessoal, ou então como um contexto de significados.

Relativamente à primeira dimensão, podemos destacar “tudo o que a criança faz/aprende sucede num ambiente, num espaço cujas características afetam a conduta ou aprendizagem”, ou seja, o ambiente educativo enquanto contexto de aprendizagem, “constitui uma rede de estruturas espaciais, de linguagens, de instrumentos e, conseqüentemente, de possibilidades ou limitações para o desenvolvimento das atividades formativas.” (Zabalza.1992, p.121).

Por sua vez, e no que diz respeito ao espaço enquanto contexto de significados, “A distribuição e o equipamento do espaço escolar acabam por ser cenário em que atuam as figuras das mensagens educativas.” (Zabalza.1992, p.121).

Deste modo, penso que a organização do ambiente educativo, parte da forma de como o educador quer trabalhar, bem como da forma de como ele quer que as crianças aprendam.

Segundo Hohmann & Weikart (2011), “As linhas de acção seguintes orientam as decisões dos educadores no planeamento do espaço e no equipamento dos centros e salas pré-escolares:

- O espaço é atraente para as crianças.
- O espaço é dividido em áreas de interesse bem definidas, de forma a encorajar diferentes tipos de atividade.
- As áreas de interesse estão organizadas de forma a assegurar a visibilidade dos objetos e materiais que incluem, bem como a locomoção entre diferentes áreas.
- Os materiais e objetos são numerosos de forma a permitir uma grande variedade de brincadeiras.
- Os materiais e objetos refletem o tipo de vida e experiências familiares das crianças.
- A arrumação dos materiais proporciona a execução do ciclo “encontra-brinca-arruma (Hohmann & Weikart, 2011 p.163).”

Quando os educadores organizam o espaço educativo, seguindo os pontos acima referidos, desencadeiam diversos comportamentos por parte das crianças:

- **As crianças envolvem-se na aprendizagem ativa** - as crianças podem explorar, construir, imaginar e criar, porque têm à sua disposição uma variedade grande de materiais para escolher, manipular, e sobre os quais podem falar com colegas e adultos.
- **As crianças tomam a iniciativa** - as áreas de aprendizagem ativa são montadas de modo a que as crianças possam ser iniciadoras, construtoras e descobridoras de soluções. Ao encorajar as crianças a descobrir, usar e devolver as coisas por elas próprias, os educadores promovem a independência, competência e sucesso dessas crianças.
- **Os adultos ficam mais livres para interagir e aprender** - as áreas pensadas e organizadas especificamente para a aprendizagem ativa permitem aos adultos observar e interagir com as crianças. uma vez que o ambiente está organizado de forma a que estas escolham as suas brincadeiras, os adultos ficam livres das funções diretivas, de entretenimento ou de controlo das crianças.” (Hohmann & Weikart, 2011 p.181-182)

Posto isto, a organização do ambiente educativo físico assume-se como uma das partes fundamentais para a realização de todo o trabalho executado na sala de atividades.

Em suma, “Cabe à educação de infância promover o desenvolvimento integral da criança, a igualdade de oportunidades, estar a tenta e despistar eventuais dificuldades quer físicas, quer mentais, e apoiar a tarefa da família na educação dos mais novos, lançando as bases para que o seu percurso escolar seja o mais equilibrado possível.” (M.E./DEB, 1997)

Refletindo sobre esta questão pensei em torná-la objeto de estudo do meu trabalho final de mestrado. No capítulo seguinte deste relatório, pretendo descrever melhor esta questão, dando assim início à apresentação, bem como à análise dos dados.

#### 4. Percurso Investigativo

Tal como já tinha referido no ponto anterior, várias foram as questões que me surgiram ao longo da minha prática investigativa e sobre as quais decidi fazer algumas pesquisas e leituras a fim de aperfeiçoar os meus conhecimentos e aprendizagens.

Numa primeira fase constatei que uma das minhas maiores dificuldades recaía em planificar para as crianças da creche, uma vez que muitas das vezes não conseguia cumprir com o que tinha estipulado para aquela semana. A meu ver, as crianças da creche revelam ritmos de aprendizagem e períodos de concentração muito diferentes das crianças do jardim-de-infância. Neste sentido, e de modo a melhorar as minhas estratégias, tentei adaptá-las de forma a enquadrarem-se melhor no perfil de cada criança do grupo.

Trabalhar em grupo ou individualmente foi também outra das questões que emergiu durante a minha prática neste primeiro contexto de estágio, na medida em, e tal como já afirmei anteriormente, cada criança apresenta o seu ritmo de aprendizagem.

*“as crianças diferem em suas características evolutivas. Elas amadurecem em ritmos diferentes e têm potenciais e dificuldades distintas, bem como diferentes estilos de aprendizagem. Algumas destas diferenças parecem estar ligadas a mecanismos internos da criança, enquanto outras resultam de suas interações com o ambiente. Elas aprendem coisas diferentes de seus ambientes, e este aprendizado influencia seus padrões de desenvolvimento. (Spodek e Saracho. 1998, p.104)”*

Contudo, e com o evoluir da minha prática perante as necessidades de cada criança do grupo, consegui compreender que a melhor forma de desenvolver atividades com as crianças, sejam elas dirigidas ou não, é trabalhar com elas em pequenos grupos, mas individualmente, uma vez que assim usufruem melhor do apoio do adulto, bem como adquirem aprendizagens mais significativas.

Posto isto, considero que atividades para as crianças de apenas um ano de idade, terão que ser trabalhadas individualmente, dado que as crianças ainda não se encontram preparadas para esperar pela sua vez. É de salientar também que este tipo de estratégia foi possível porque o número de adultos assim o permitia, verificando-se o acompanhamento das restantes crianças em atividades paralelas. Se estivessem dois adultos em sala como é usual nos jardins-de-infância, esta estratégia não teria decorrido com tanto êxito.

No âmbito da unidade curricular de Seminário de Investigação em Educação foi-me proposto elaborar um pré-projecto sobre questões emergentes da prática, seleccionando uma delas para futura problemática.

Deste modo, e como não consegui obter respostas concretas a todas as minhas questões, decidi debruçar-me sobre a questão da organização do ambiente educativo, na medida em que foi uma questão que tanto surgiu no 1º semestre, como também no 2º.

Nos meus primeiros dias de estágio, e depois de já ter tido a oportunidade de ter conhecido todas as salas da instituição, bem como de já ter estagiado, durante a minha licenciatura, neste contexto (creche), pude constatar que a sala onde me encontrava a estagiar era “pobre”, no que diz respeito aos materiais disponibilizados às crianças, bem como à decoração do próprio espaço educativo. Após uma conversa informal com a educadora cooperante, com o intuito de esclarecer esta minha dúvida, constatei que o facto de as paredes não se encontrarem ornamentadas com materiais didáticos devia-se, simplesmente, à falta de tempo que a educadora tinha uma vez que, o número de crianças na sala de um ano era de 10, e agora é de 14 para dois adultos, o que dificulta um pouco o trabalho do educador.

Por sua vez, e já noutra contexto de estágio (jardim-de-infância), deparei-me com uma sala bem ornamentada, repleta de materiais adequados às diferentes faixas etárias das crianças, diversas áreas propícias para a atividade lúdica, bem como paredes munidas com variados materiais de apoio, essenciais ao crescimento e aprendizagem das crianças.

Assim, e posto tudo isto, constatei que a organização do ambiente educativo varia de educador para educador, bem como do modelo educativo que cada um deles adota. O que me leva a questionar: como deve o educador organizar o espaço educativo? Que modelo educativo deve adotar? Deverá o educador contar com a participação das crianças na organização do ambiente educativo? Deste modo, a questão de pesquisa que me propus a desenvolver foi *A Organização do Ambiente Educativo na Educação de Infância*.

## **Parte II - A Organização do Ambiente Educativo na Educação de Infância**

### **1. O desenvolvimento curricular**

Tal como já foi referido no início do presente trabalho, segundo a Lei-Quadro compreende-se a educação pré-escolar como sendo “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”. (Lei nº5/97, de 10 de fevereiro)

Com a necessidade de intencionalizar a prática dos educadores de infância, a Administração Central concebeu um documento de apoio aos profissionais de educação, as Orientações Curriculares na Educação Pré-Escolar, que foram aprovadas pelo Despacho nº5220/97 de 10 de julho e publicadas, posteriormente, pelo Departamento de Educação Básica em setembro de 1997. Este resultou de um processo de consulta, que envolveu profissionais, formadores, investigadores, bem como outros profissionais e representantes da ação educativa (M.E./DEB, 1997).

Mais recentemente sublinhando o seu papel como primeira etapa da educação básica, quando em 2001 foram definidas metas curriculares para os diferentes níveis do sistema educativo, a educação pré-escolar não ficou esquecida. Estas metas passaram a ser um referencial para os profissionais de educação de infância. <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/educacao-pre-escolar/metas-de-aprendizagem/>. (consultado em maio de 2013)

Apesar de ser considerada a par dos outros níveis de ensino, existe uma especificidade que caracteriza o desenvolvimento curricular na educação de infância, tendo em conta a sua história, as suas finalidades e o grupo etário que abrange.

O documento das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar encontra-se organizado em duas partes:

1ª parte - Princípios Gerais (princípio geral e objetivos pedagógicos; fundamentos e organização; orientações globais para o educador);

2ª parte - Intervenção Educativa (organização do ambiente educativo; áreas de conteúdo; continuidade educativa; intencionalidade educativa).

Como o meu trabalho se debruça, essencialmente, sobre a organização do ambiente educativo, passarei a centrar-me sobretudo na segunda parte deste documento.

“O contexto institucional de educação pré-escolar deve organizar-se como ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças. Este ambiente deverá ainda proporcionar ocasiões de formação dos adultos que trabalham nesse contexto.” (M.E./DEB, 1997, p, 31).

Quando é refenciado a organização do ambiente educativo, esta diz respeito, não só, às interações vivenciadas entre todos os intervenientes (crianças e adultos), bem como à gestão dos recursos humanos e materiais, que visam a melhoria das funções educativas da instituição. Assim, é por estes motivos que a organização do ambiente educativo “constitui o suporte do trabalho curricular do educador.” (M.E./DEB, 1997, p. 31).

De forma a responder adequadamente a todas as necessidades que as diferentes crianças apresentam, o educador ao criar/organizar o seu ambiente educativo deverá ter em conta os diferentes níveis em interação, na medida em que “ o desenvolvimento humano constitui um processo dinâmico de relação com o meio, em que o individuo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive.” (M.E./DEB, 1997, p. 31).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “área” caracteriza-se, essencialmente, por ser um termo comum na educação pré-escolar que designa as formas de pensar e organizar a intervenção do educador, bem como o tipo de experiências que se deve proporcionar às crianças. (M.E./DEB, 1997).

Contudo existe uma grande diferença entre “área de conteúdo” e “área de atividade”. A primeira, segundo o documento acima referenciado, diz respeito à interligação existente entre o desenvolvimento e a aprendizagem, uma vez que “esta opção visa favorecer a articulação da educação pré-escolar com outros níveis do sistema educativo e facilitar a comunicação entre educadores e professores.” (M.E./DEB, 1997).

“Consideram-se áreas de conteúdo como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sócio-cultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer.” (M.E./DEB, 1997, p. 47).

A Formação Pessoal e Social, Expressão e Comunicação, assim como o Conhecimento do Mundo, são as grandes áreas de conteúdo integradoras das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Porém, a primeira é a que se encontra mais relacionada com a organização do ambiente educativo, na medida em que é uma área integradora do processo educativo. “Aliás, a Organização do Ambiente Educativo e a área de Formação Pessoal e Social têm uma íntima relação pois é através das interações sociais com adultos significativos, com os seus pares e em grupo que a criança vai construindo o seu próprio desenvolvimento e aprendizagem.” (M.E./DEB, 1997, p 49).

Contrariamente, quando falamos de área de atividade nem sempre está claro o conteúdo de aprendizagem que está a ser trabalhado. Esta diz respeito ao espaço onde é feita a atividade, ou seja, onde são dinamizadas as diversas brincadeiras, bem como os diversos momentos de trabalho.

Por sua vez, os diferentes modelos curriculares também pressupõem a realização de atividades, uma vez que a criança aprende a partir da exploração do mundo que a rodeia, da observação e da imitação. A ação das mesmas nestas áreas deve promover a descoberta e as relações com as outras crianças e com os objetos, num processo de aprendizagem que implica pensar e compreender.

Posto isto, e como muitas das aprendizagens das crianças resultam das suas vivências exteriores, é necessário que a educação pré-escolar, enquanto contexto de socialização, proporcione momentos e espaços próprios de aprendizagem.

É do conhecimento de qualquer profissional da educação que são vários os modelos pedagógicos que existem e que, conseqüentemente influenciam as intenções pedagógicas do próprio educador.

No currículo da educação pré-escolar, a organização do ambiente educativo assume um lugar primordial, no que diz respeito à intervenção educativa. O mesmo acontece com os modelos pedagógicos que, na sua estruturação, também definem linhas orientadoras para a organização dos espaços.

Assim, a opção que cada profissional de educação toma quando adota um modelo de organização e gestão curricular deverá basear-se na sua prática pedagógica, uma vez que é através desta que o mesmo vai construindo os seus próprios referenciais, bem como o seu próprio modelo pessoal que, muitas das vezes, é apoiado por outros modelos e autores de referência.

“as educadoras devem estruturar o arranjo dos componentes físicos nos ambientes educacionais de tal forma que as crianças tenham oportunidades para a exploração, descoberta, absorção de ideias e de conceitos e expressar livremente os seus próprios pensamentos e sentimentos. As salas deverão revelar um ambiente de aprendizagem a qualquer pessoa que dentro delas entre. Deverão ter centros de actividades estrategicamente dispostos no espaço de forma a encorajar o seu uso constante por parte das crianças. Deverão ser alargados ou reduzidos em tamanho e importância ou em algum momento acrescentados ou retirados quando já não são utilizados, pois podem alguns deles ter duração na sua utilidade” (Mincey, 1982, cit. por Correia, 1993, p.43).

O conceito de “espaço”, por si, tem contributos nas diversas áreas, não somente na pedagogia, mas também na filosofia, sociologia, economia, arquitetura, entre outras. Segundo Battini, citado por Miguel Zabalza (2007, p.231), para crianças pequenas o espaço é tudo o que “ (...) o compõe: móveis, objetos, odores, cores, coisas duras e moles, coisas longas e curtas, coisas frias e coisas quentes, etc.”.

Assim, a organização de espaços adequados para estimular as brincadeiras das crianças constitui hoje uma das maiores preocupações dos profissionais de educação. Para o educador, o processo de aprendizagem implica que as crianças compreendam o modo de como está organizado o espaço, assim como a forma que ele pode e deve ser utilizado.

Perante o exposto, o acesso aos jogos e a sua organização, nas diferentes áreas de actividades, deve ter em conta também, a idade das crianças, sendo a sua utilização orientada pelo adulto.

É fundamental que os materiais sejam interessantes, diversos e mutáveis para as crianças. Estes devem estar organizados e guardados de forma visível e acessível. Devem ainda estar estruturados em áreas de interesse bem identificados e flexíveis para que a criança possa utilizá-los das diferentes maneiras, descobrindo assim, diversas alternativas, no que diz respeito à sua exploração.

Desta forma, a organização do espaço deve proporcionar um conjunto de experiências enriquecedoras para o desenvolvimento integral da criança seja ele individualizado ou em grupo.

Posto isto, são estes fatores que refletem todo o trabalho desenvolvido pelo educador, pois segundo Miguel Zabalza (2007) “quando entramos numa sala e vemos como está organizada, fazemos de imediato uma ideia de como trabalha aquele

educador, de como vê e entende o trabalho na escola infantil”, ou seja, “diz-me como tens organizada a sala e eu dir-te-ei que tipo de professor és” (p. 124).

## **2. A organização do ambiente educativo**

É do conhecimento de qualquer profissional da educação que existe uma ação recíproca entre a criança, enquanto ser em constante aprendizagem, e o espaço em que ela se insere, uma vez que a criança influencia o meio e o meio influencia a criança.

Esta forma que tão bem caracteriza a educação de infância teve as suas origens na história da educação, mais propriamente na Pedagogia de Situação, uma vez que esta se assume como “... um estilo de trabalho (...) baseado na não-directividade, na livre escolha de actividades feita pelas crianças e na importância dos estímulos do meio envolvente para o desenvolvimento infantil.” (Ataíde, 1986, p. 2)

Neste tipo de pedagogia o educador deverá proporcionar situações de aprendizagem às crianças, de acordo com as características de cada uma delas, bem como do grupo em geral. Posto isto, e tal como afirma Rogers (1980), citado por Ataíde (1986, p.12), “O educador deve evitar a todo o custo que a sua personalidade abafe as dos alunos - ele abstem-se de julgar, impor, avaliar, procurando uma relação pedagógica de troca e enriquecimento”.

A Pedagogia de Situação também se caracteriza por sofrer influências de diversas correntes pedagógicas. Segundo Ataíde (1986, p. 14) “... os móveis e equipamento de pequenas dimensões, os alfabetos móveis, os vários “jogos sensoriais” provinham de Montessori enquanto que uma concepção concêntrica das atividades girando à volta de um tema enraizava em Decroly.”

Antigamente o educador era visto como sendo o centro de toda a ação educativa. Contudo, e com o evoluir da educação em Portugal, os jardins-de-infância começaram a valorizar mais a livre escolha de atividades por parte das crianças, ou seja, o trabalho dos educadores começou a ser feito tendo em conta os interesses e necessidades das crianças. Foi então que surgiu o trabalho por “cantinhos” ou áreas, que se caracterizam-se por ser “...pequenas zonas com um material específico para determinada brincadeira: a casa de bonecas, a mercearia, a garagem, etc.” (idem, p. 15)

Enquanto educadores deveremos pensar, e posteriormente criar, um ambiente educativo de qualidade, que crie oportunidades e situações de aprendizagem

significativas às crianças. Por essa mesma razão, Bronfenbrenner (1981) define como “microssistema”, o meio imediato que envolve o aluno, no qual o espaço (sala de aula) é considerado o elemento principal.

Contudo, e partindo da conceção do mesmo autor, quando nos referimos ao espaço, temos, obrigatoriamente, de falar nos outros três elementos condicionantes (o tempo, as atividades e os papéis sociais), uma vez que eles se encontram sempre interligados (Bronfenbrenner, 1981).

Segundo M<sup>a</sup> João Cardona (1992, p.9), “ (...) a criança aprende sobretudo através da acção/experimentação, sendo fundamental o proporcionar-lhe um ambiente rico e estimulante, sendo também sublinhada a importância de existir uma organização espaço-temporal bem definida, que permita à criança situar-se e funcionar autonomamente dentro da sala.”

Assim, uma das principais tarefas do educador passa por organizar o ambiente educativo para as crianças. Este fá-lo através da criação de diversas áreas de atividades (isto mais no jardim-de-infância), que servirão posteriormente para alargar os conhecimentos e proporcionar novas aprendizagens às crianças.

“É necessário um espaço bem definido, em que os materiais estejam organizados de uma forma lógica, devidamente identificados, para que a criança os consiga encontrar e arrumar facilmente, sem necessitar da interferência do adulto” (Cardona, M. 1992, p.9)

Tendo em conta ainda a Pedagogia de Situação, os educadores dividem o espaço de brincadeira em áreas de interesses específicos (área da carpintaria; a área das atividades artísticas, onde podem pintar, desenhar, fazer colagens; a área da dramatização, entre outras). Estas diferentes áreas contêm materiais facilmente acessíveis que as crianças podem escolher para depois usarem conforme o que tinham planeado, de forma a levarem a cabo as suas brincadeiras e jogos. (Ataíde, 1986, p. 68).

“os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma com estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender. A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização (Silva, 2002, p. 37).

Porém, o modo como organiza e seleciona essas mesmas áreas encontra-se intimamente relacionado, não só com a sua experiência de vida (profissional ou pessoal), mas também com as características de cada criança do grupo. Contudo, se verificar que uma das áreas não está a ser suficientemente desafiante para as crianças, o educador deverá modificá-la ou até mesmo substituí-la, de forma a estimular as crianças para novas aprendizagens. Segundo Lina Forneiro, citado por Zabalza (1998) “As tarefas dos professores(as) neste processo poderiam ser agrupadas em quatro: concretizar as intenções educativas e método de trabalho, planejar e organizar o espaço, observar e avaliar o seu funcionamento e, finalmente, introduzir as modificações que forem necessárias” (Zabalza. 1998, p.261).

Deste modo, a forma como o ambiente educativo está organizado numa sala, seja ela de creche ou jardim-de-infância, irá influenciar, não só as aprendizagens das crianças, como também e, por consequência, toda a dinâmica existente do grupo em questão. Por isso, quando se pensa e organiza um espaço pedagógico, o educador deverá ter em conta os seguintes critérios:

- “o da abertura e responsividade às identidades pessoais, sociais e culturais como forma essencial de colaboração numa pedagogia que inclui todas as diversidades e respeite as identidades;
- o da organização flexível conhecida da criança para que possa desenvolver as capacidades de autonomia e colaboração no âmbito do brincar e aprender;
- o da preocupação e resposta às aprendizagens experienciais no âmbito das cem linguagens da criança (Malaguzzi. 1998) para que a educação seja efetivamente porta da cultura” (Formosinho. 2011, p.111).

Contudo, existe uma sequência diária que deve ser planeada de acordo com as necessidades e interesses das crianças, uma vez que os ritmos de aprendizagem diferem de umas para as outras.

“A existência de uma clara explicitação da sequência diária, é considerada como fundamental para que a criança se consiga orientar ao longo do dia, sem necessitar de estar constantemente na dependência do adulto (...)” (Cardona, M. 1992, p. 9).

Posto isto, quanto mais definida e explicitada for a organização do tempo na sala, maior será a facilidade de o educador desenvolver atividades de acordo com os interesses e iniciativas das crianças” (Cardona, M. 1992, p. 10).

O mesmo tem de acontecer com a organização do espaço. As crianças, no que diz respeito à organização do espaço-materiais, devem ser consideradas agentes ativos, uma vez que são elas quem recorrem a grande parte dos materiais para desenvolverem as suas brincadeiras nos diferentes momentos do dia, pois segundo a autora acima referida, “A organização do equipamento tem de ser suficientemente funcional e acessível às crianças, para que estas consigam encontrar sozinhas aquilo de que necessitam para o desenvolvimento das actividades que escolheram” (Cardona, M. 1992, p. 12).

Posto isto, posso afirmar que existem alguns aspetos que devem ser considerados, no que diz respeito à organização do ambiente educativo:



Figura 4 – Aspetos a considerar na organização do espaço, Forneiro (2007) ”A Educação dos espaços na educação Infantil” in Zabalza (1998), Qualidade em Educação Infantil, p. 214.

## Aspetos Normativos

Na organização do espaço pedagógico o educador, ou a educadora tem sempre que ter em conta os normativos que regulamentam a gestão do espaço, materiais, equipamentos a nível institucional, dentro da sala de atividades, e nos restantes espaços utilizados pelas crianças.

A organização do mesmo pode ser condicionada por fatores extrínsecos, como por exemplo a própria arquitetura da instituição, as condições climáticas, os recursos disponíveis, os espaços comuns (caso existam) e os espaços exteriores.

A organização da sala, objeto de estudo da minha intervenção, poderá ainda ser condicionada por elementos estruturais como os materiais e mobiliário disponíveis. Para uma melhor compreensão, entende-se como elementos estruturais todos os traços que fazem parte da arquitetura do próprio edifício e que terão de ser adaptados de forma a permitirem diferentes interações. Por exemplo, o mobiliário e os materiais disponíveis às crianças devem atender a critérios, no que diz respeito à qualidade, quantidade e segurança, definidos no Despacho Conjunto nº 258/97, de 21 de Agosto (consultado em janeiro de 2013).

“1 - As prioridades de aquisição de equipamento, tomando em consideração as necessidades e os interesses do grupo de crianças, deverão satisfazer um conjunto de requisitos de qualidade, nomeadamente:

- Qualidade estética;
- Adequação ao nível etário;
- Resistência adequada;
- Normas de segurança;
- Multiplicidade de utilizações;
- Valorização de materiais naturais, evitando materiais sintéticos;
- Utilização de materiais de desperdício.” (Despacho Conjunto nº 258/97, de 21 de Agosto, M.E)

No entanto os normativos respeitam o estilo de cada educador, na medida em que cada indivíduo organiza o espaço de acordo com as suas características pessoais e sociais, atendendo sempre à sua criatividade, experiência profissional e, essencialmente, ao modelo pedagógico que adota. “A organização do espaço em área e a colocação dos

materiais (atendendo a critérios de diversidade, quantidade e estética) são a primeira forma de intervenção do(a) educador(a)” (Andrade. 2011, p.12)

Deste modo,

“O arranjo deste espaço é importante, porque afecta tudo o que a criança faz. Afecta o grau de actividade que pode atingir e o quanto é capaz de falar de si próprio. Afecta as escolhas que pode fazer e a facilidade com que é capaz de concretizar os seus planos. Afecta as suas relações com as outras pessoas e o modo como utiliza os materiais.” (Banet, Hohmann & Weikart, 1995, p.51)

Por isso, e segundo Miguel Zabalza (1998), existem vários critérios que favorecem a criação de um ambiente educativo de qualidade, bastante estimulante e rico:

- Qualquer educador, ao organizar o espaço na sua sala de actividades, pensa fazê-lo dividindo-o por áreas de trabalho que permitam uma diversidade de escolhas da parte das crianças, nos vários momentos da rotina do grupo;
- As áreas podem estar delimitadas com marcas no piso ou na parede, ou com mobiliários localizados estrategicamente;
- Contudo, embora deva haver uma delimitação clara das áreas, essa organização deve ser flexível a qualquer transformação;
- Tanto o mobiliário como os materiais devem estar acessíveis às crianças, para que elas possam ser cada vez mais autónomas em relação ao educador;
- Ser bastante rigoroso na escolha do mobiliário para garantir a segurança e ausência de riscos para as crianças;
- Tem de ser esteticamente agradável, recorra ao uso de cores vivas, seja original e criativa e, mais importante, que possa ser personalizada pelas próprias crianças, isto é, que possam também elas participar na decoração da sala (Zabalza, 1998, p. 257-261).

Assim, e em jeito de conclusão,

“As crianças têm o direito de crescer em espaços onde o cuidado e a atenção prestados à dimensão estética constituam um princípio educativo básico. As experiências que as crianças vivem com o espaço devem poder

converter-se em experiências estéticas, de prazer e de bem-estar” (Andrade, 2011, p. 12).

### **3. Problemática e objetivos da pesquisa**

A problemática em estudo decorre da minha experiência vivida nos períodos de estágio, uma vez que percebi, desde sempre, a importância que a organização do ambiente educativo tem sobre o desenvolvimento das crianças.

Assim, e enquanto futura profissional da educação, o principal objetivo deste trabalho assenta em compreender como é que o espaço, materiais e tempo condicionam ou não as aprendizagens das crianças, independentemente do contexto em que estas se encontram (creche ou jardim-de-infância).

A organização do espaço educativo é fundamental, no que diz respeito ao desenvolvimento da criança. Este deve ser feito e pensado, tendo em conta as necessidades de cada criança do grupo, uma vez que entre a criança, enquanto ser aprendiz, e o espaço, enquanto meio onde esta se insere, existe uma relação recíproca, onde a criança influencia o meio e vice-versa.

Ao pensarmos na dimensão física do espaço, pensamos-na como uma componente de um ambiente que deve ser de qualidade e que cria oportunidades e contextos de aprendizagens significativas. Por essa razão, o espaço é uma variável que faz parte de qualquer projeto educativo, onde consta a sua dimensão organizacional, estrutural e processual, na medida em que são estas mesmas dimensões que exercem uma “poderosa influência no processo e nas interações que se revelam diante de nós” (Harms, 1991 cit. por Correia, 1993, p.41).

Assim, cabe ao educador de infância organizar o ambiente educativo de forma a possibilitar um variado leque de aprendizagens. A maneira como cria, seleciona e organiza as diversas áreas de atividades, não tem só a ver com as suas vivências pessoais e profissionais, deve igualmente ter em conta a observação que faz de cada criança do grupo. Mesmo a meio do ano letivo, se uma determinada área não se mostrar suficientemente desafiante para as crianças, o educador pode alterar essa área ou até mesmo substituí-la por outra.

Posto isto, e segundo a teoria defendida por Lina Forneiro “As tarefas dos professores(as) neste processo poderiam ser agrupadas em quatro: concretizar as intenções educativas e método de trabalho, planejar e organizar o espaço, observar e

avaliar o seu funcionamento e, finalmente, introduzir as modificações que forem necessárias” (Forneiro, L., cit. Zabalza, 1998, p. 261).

Assim sendo, a forma como o espaço está organizado numa sala de jardim-de-infância influencia a dinâmica do grupo de crianças e, por consequência, as suas aprendizagens. Por isso, quando se pensa e organiza um espaço pedagógico há vários critérios que não podem ser descuidados, tais como:

- “o da abertura e responsividade às identidades pessoais, sociais e culturais como forma essencial de colaboração numa pedagogia que inclui todas as diversidades e respeite as identidades;
- o da organização flexível conhecida da criança para que possa desenvolver as capacidades de autonomia e colaboração no âmbito do brincar e aprender;
- o da preocupação e resposta às aprendizagens experienciais no âmbito das cem linguagens da criança (Malaguzzi, 1998) para que a educação seja efetivamente porta da cultura” (Formosinho, 2011, p.111).

Deste modo, pretendo realizar um levantamento de dados de carácter documental e de testemunhos de profissionais, de forma a identificar quais as melhores estratégias a adotar para que a organização do ambiente educativo seja apelativo e proporcione novas aprendizagens às crianças.

Assim, as questões subjacentes à compreensão da minha questão e às quais pretendo dar resposta são:

| <b>Questões orientadoras</b>   |
|--|
| 1. Como deve o educador organizar o espaço educativo?  |
| 2. Como é que os educadores conseguem envolver as crianças na organização do Ambiente Educativo? |

Quadro N°1 – Questões orientadoras do meu estudo

A partir destas questões procurei compreender qual a participação crianças na organização do ambiente educativo, ouvindo também os seus testemunhos

Posto isto, surge assim como objetivo do meu trabalho - *Identificar se o educador parte dos interesses e necessidades no momento da organização do ambiente educativo.*

#### **4. Metodologia da pesquisa**

Como o tempo de estágio foi curto, e de forma a dar consistência ao meu estudo, optei por recorrer a uma metodologia qualitativa, descritiva e com intuito exploratório, que me colocasse em contato com a realidade que pretendia conhecer e, que posteriormente me ajudasse a encontrar respostas sobre todos os meus dilemas acerca da organização do ambiente educativo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), uma investigação qualitativa é um “termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características.

Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos...”

Neste sentido, pretendo conhecer de que forma é organizado o espaço educativo, se as crianças estão implícitas nessa ação ou não e, principalmente se os educadores têm em conta a opinião das mesmas aquando à alteração das áreas ou criação de novas.

Tendo em conta os objetivos deste estudo, recorri a um conjunto de instrumentos de recolha de dados que fizessem emergir as percepções das crianças e dos educadores sobre esta problemática. Assim, recorri a entrevistas estruturadas, cuja definição e procedimentos passo a explicitar.

##### **Entrevista - Crianças**

As entrevistas que realizei com as crianças foram todas iguais, ou seja, todas as perguntas já sem encontravam claramente definidas antes de entrevistar as mesmas (entrevista estruturada).

A entrevista em pesquisa "não é simplesmente um trabalho de recolha de informações, mas, sempre, uma situação de interacção, ou mesmo de influência entre dois indivíduos e que as informações dadas pelo sujeito podem ser profundamente afectadas pela natureza das suas relações com o entrevistador". (Kandel, 1981, p.178)

Este instrumento de investigação assume-se como uma mais-valia nas metodologias de investigação-acção, uma vez que é através desta que o investigador compreende a forma como os sujeitos interpretam as suas experiências.

De acordo com Bogdan & Biklen (1994) a entrevista “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador

desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134)

Deste modo, e tendo em conta que as crianças da creche tinham apenas um ano e meio de idade, a entrevista foi aplicada somente às crianças do jardim. Estas últimas, numa primeira fase, responderam às seguintes questões:

| <b>Blocos</b>   | <b>Objetivos</b>  | <b>Questões da entrevista</b>   |
|---|---|---|
| Bloco I: legitimação da entrevista e caracterização do entrevistado                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar os objetivos da entrevista.</li> <li>- Garantir a confidencialidade.</li> <li>- Obter autorização para a gravação da entrevista.</li> <li>- Caracterizar o entrevistado.</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Confidencialidade e autorização para a gravação.</li> <li>- Idade do entrevistado.</li> </ul>  |
| Bloco II: Organização do ambiente educativo para as crianças (antes da construção da nova área) | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar se as crianças conhecem todos os espaços da sala.</li> <li>- Compreender se as crianças compreendem os conceitos das diversas áreas.</li> <li>- Identificar a área preferida das crianças.</li> <li>- Perceber porque gostam mais daquela área.</li> <li>- Identificar os interesses das crianças face a novas áreas.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais são as áreas que existem na sala?</li> <li>- Para que servem? O que aprendes nelas?</li> <li>- Onde é que gostas mais de estar?</li> <li>- Porquê?</li> <li>- Existe alguma área nova que gostarias de ter na sala? E no recreio?</li> </ul> |

Quadro N°2 – Guião da entrevista às crianças (antes da construção da nova área)

E, posteriormente, já numa segunda fase, ou seja, após eu ter criado uma nova área no espaço educativo, responderam às seguintes:

| <b>Blocos</b>   | <b>Objetivos</b>   | <b>Questões da entrevista</b>   |
|---|--|---|
| <p>Bloco I: legitimação da entrevista e caracterização do entrevistado</p>                            | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar os objetivos da entrevista.</li> <li>- Garantir a confidencialidade.</li> <li>- Obter autorização para a gravação da entrevista.</li> <li>- Caracterizar o entrevistado.</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Confidencialidade e autorização para a gravação.</li> <li>- Idade do entrevistado.</li> </ul>  |
| <p>Bloco III: Organização do ambiente educativo para as crianças (após a construção da nova área)</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar se as crianças identificam o palco como a nova área do exterior.</li> <li>- Identificar o tipo de atividades que as crianças têm na nova área.</li> <li>- Reconhecer as aprendizagens que as crianças adquirem no palco.</li> <li>- Identificar os gostos e interesses das crianças aquando a utilização do palco.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual é a nova área que existe no exterior?</li> <li>- O que fazes nela?</li> <li>- O que é que aprendes lá?</li> <li>- O que mais gostas de fazer nela?</li> </ul> |

Quadro N°3 – Guião da entrevista às crianças (após a construção da nova área)

Quando realizei as entrevistas às crianças, tive o cuidado de as fazer a pares, de modo a reduzir a intimidação das crianças face à realidade a que estavam a ser confrontadas.

Segundo Graue & Walsh (1998, p. 16), “Compreender as crianças exige a combinação de múltiplas perspetivas e também a procura de novas maneiras de as estudar.”

Tendo em conta a mesma perspetiva dos autores, as crianças são consideradas poços de riqueza, no que diz respeito aos conhecimentos, uma vez que

“As crianças sabem mais que aquilo que sabem. Seguramente sabem mais que o investigador acerca do que sabem. A intenção da entrevista é levá-las a falar acerca do que sabem.” (Graue & Walsh, 1998)

Contudo, ao realizarmos a entrevista deveremos ter em conta o espaço onde a criança se encontra inserida, pois, e tal como afirmam os mesmos autores, “Poucas crianças estarão habituadas a que o adulto as aborde para aprenderem algo com elas.” (Graue & Walsh, 1998)

### **Entrevista - Educadoras**

Inicialmente tinha em vista realizar questionários aos profissionais de educação, contudo, e após uma conversa informal com a minha supervisora, chegámos à conclusão que fazer entrevistas às educadoras seria o melhor método para obter respostas concretas às minhas questões.

Posto isto, decidi fazer entrevistas a duas educadoras de jardim-de-infância, uma vez que foram elas que tiveram oportunidade de ver e explorar a área que eu tinha criado. Assim, estas responderam às seguintes questões:

| <b>Blocos</b> | <b>Objetivos</b> | <b>Questões da entrevista</b> |
|---------------|------------------|-------------------------------|
|---------------|------------------|-------------------------------|

|   |   |  |
|---|---|--|
| <p>Bloco I: legitimação da entrevista e caracterização do entrevistado</p>            | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar os objetivos da entrevista.</li> <li>- Garantir a confidencialidade.</li> <li>- Obter autorização para a gravação da entrevista.</li> <li>- Caracterizar o entrevistado.</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Confidencialidade e autorização para a gravação.</li> <li>- Idade do entrevistado.</li> <li>- Contexto em que se encontra a trabalhar.</li> <li>- Tempo de serviço.</li> <li>- Em que tipo de contextos já trabalhou.</li> </ul>  |
| <p>Bloco I: A importância da organização do ambiente educativo para as educadoras</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender se, para o educador, a organização do ambiente educativo influencia as aprendizagens das crianças.</li> <li>- Perceber quais os tipos de cuidados que o educador tem aquando a organização do ambiente educativo.</li> <li>- Identificar quais as áreas de maior interesse.</li> <li>- Identificar os gostos e interesses das crianças aquando a utilização do palco.</li> <li>- Perceber se a organização do ambiente educativo é estanque ou se vai sendo alterado consoante as necessidades das crianças.</li> <li>- Verificar se as crianças participam na organização do ambiente educativo.</li> <li>- Reconhecer as áreas mais importantes para a aprendizagem das crianças.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Considera que a organização do ambiente educativo (espaço-materiais) influencia as aprendizagens das crianças? Como? Pode dar um exemplo?</li> <li>- No início do ano letivo quais são as preocupações quando organiza o ambiente educativo?</li> <li>- Quais são as áreas que tem sempre a funcionar nas primeiras semanas de aulas? Porquê?</li> <li>- Ao longo do ano letivo vai mudando a organização do espaço-materiais? As áreas de atividades vão sendo modificadas? Pode dar um exemplo?</li> <li>- As crianças costumam participar nesta organização? De que maneira?</li> <li>- Quais são as áreas de atividades que considera importantes para as aprendizagens das crianças e que tem</li> </ul> |

|  |   |   |
|--|---|---|
|  | <ul style="list-style-type: none"><li>- Identificar as áreas de maior interesse por parte das crianças.</li><li>- Analisar a opinião das educadoras face à nova área.</li></ul> | <p>sempre na sala?</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Das áreas que tem atualmente na sala quais são as que as crianças preferem?</li><li>- E o que pensa da área que foi criada no recreio?</li></ul> |
|--|---|---|

Quadro N°4 – Guião da entrevista às educadoras

#### 4. Apresentação da Análise de Dados

Neste ponto irei fazer a apresentação de todos os dados recolhidos ao longo da minha investigação. Dada a sua natureza, organizo a análise, numa tabela, em simultâneo à apresentação.

#### Análise dos Dados<sup>3</sup> – O que dizem as crianças

##### I - Caracterização dos entrevistados:

| Crianças                        | Idades   |
|---------------------------------|--|
| A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K | Entre os 3 e 5 anos de idade de ambos os sexos |

Quadro N°5 - Caracterização das crianças entrevistadas

##### II - Antes da exploração da nova área exterior:

Antes da exploração da nova área exterior, procedi à realização de uma entrevista a onze crianças da sala, de forma a descobrir as áreas de brincadeira, de maior interesse por parte das mesmas.

A primeira questão colocada às crianças foi a seguinte: Quais são as áreas que existem na sala? Nesta questão, as crianças A e B responderam que as áreas existentes na sala eram a casinha, a garagem, os jogos, os desenhos, a biblioteca e plasticina, enquanto que as crianças C e D fizeram apenas referências aos jogos e à casinha. As crianças E e F mencionaram os jogos, o computador, a casinha e os livros.

Para esta mesma questão, as crianças G e H referiram a existência das seguintes áreas: garagem, casinha, jogos, livros, desenhos, computador e fantoches, sendo estas mesmas áreas citadas pelas crianças I, J e K. No entanto, as crianças I, J e K também expuseram a existência de uma área de jogos da Barbie.

A segunda pergunta procura questionar as crianças tendo em conta o uso a ser dado a cada uma das áreas, ou seja, para que servem. Através das entrevistas foi

<sup>3</sup> Vide Anexo III

possível constatar que as crianças A, B, E, F, G, H e K veem estas áreas como sendo importantes para a brincadeira. As crianças C e D também as consideraram essenciais para brincar, tal como para jogar. Por sua vez, as crianças I e J mencionaram que estas áreas servem para *“brincarmos muito... e fazemos muitas coisas nelas”*.

A terceira pergunta surgiu com o objetivo de levar as crianças a raciocinarem quanto à importância das áreas presentes na sala, mais precisamente o que podem aprender nelas. As crianças A e B indicaram que nas áreas da sala *“aprendemos a fazer coisas muito bonitas e desenhos muito lindos”*, enquanto que as crianças C e D disseram que aprendem a tratar bem dos bebés. As crianças G e H afirmaram que nestas áreas aprendem a jogar. Contudo, as crianças E e F anunciaram que não sabem o que podem aprender nas áreas da sala, e as crianças I, J e K não deram qualquer resposta a esta pergunta.

Relativamente à quarta e quinta questão: Onde é que gostas mais de estar? Porquê?, as crianças A, B, C, D e K afirmaram ser a casinha das bonecas a área que lhes é de maior agrado. A área do computador revelou-se ser da preferência das crianças E e F. É ainda de constatar que as crianças G e H têm predileção pela área da casinha das bonecas e pela área da garagem. Por fim, as crianças I e J mencionaram que as suas zonas prediletas são a rua e a sala no seu geral.

As crianças A e B comprovaram que gostam da casinha das bonecas, porque é giro, enquanto que as crianças C e D gostam desta mesma área, porque tem tudo para elas brincarem. As crianças E e F asseguraram que têm preferência pela área do computador, porque *“(...) tem jogos, e eu gosto de jogar um jogo que o meu irmão também tem”*.

Partindo agora para as crianças G e H, as mesmas garantiram o seu gosto pelas áreas da casinha e da garagem devido à quantidade de brinquedos que têm e jogos que podem fazer. As crianças I e J elegeram a rua e a sala, porque gostam e é divertido. Por fim, a criança K ao nomear a área da casinha, afirmou ter feito esta escolha, porque é uma área onde gosta de estar.

Quanto à sexta e sétima questão: Existe alguma área nova que gostarias de ter na sala? E no recreio?, as crianças A, B, G e H disseram que gostavam de ter uma área no recreio, com baloiços e escorregas. No entanto, as crianças G e H também enunciaram que queriam de ter um barco ou um avião na sala de atividades.

As crianças E e F não apresentaram nenhuma sugestão para a sala, mas gostavam de ter um espaço no recreio para moto quatro e motocross. As crianças I e J

referiram que na sala gostavam de ter bonecas e no recreio “*brinquedos... Muitos brinquedos...*”. Por último, a criança K não mostrou interesse pela criação de novas áreas tanto na sala como no recreio.

### **III - Após a exploração da nova área exterior:**

Após a exploração da nova área exterior, realizei uma nova entrevista às mesmas onze crianças, de forma a obter o seu feedback quanto à importância da criação da nova área.

Começando com a primeira pergunta: Qual é a nova área que existe no exterior?, todas as crianças afirmaram existir um palco no recreio.

Passando agora para a segunda questão: O que fazes nela?, as crianças D e H disseram que a mesma serve para brincar, e as crianças I e J que nela é possível cantar, dançar e brincar. Por sua vez, as crianças A, B e K garantem que na nova área podem brincar, fazer teatros e fazer fantoches. É ainda de referir que as crianças E e F falam desta área como sendo útil para cantar, e as crianças C e G como sendo boa para poderem brincar, cantar e jogar.

Para a terceira pergunta: o que é que aprendes lá?, as crianças D e H disseram que podem aprender a dançar e a brincar, enquanto que as crianças I e J afirmaram que através do palco aprendem a dançar e a cantar. Através da entrevista foi evidente que as crianças A, B e K acham que no palco aprendem “*a brincarmos todos*” e “*a desenhar*”, e que as crianças C e G pensam ser importante para aprenderem a jogar à bola. Apenas as crianças E e F responderam que não sabiam o que poderiam aprender.

Na quarta e última questão: O que mais gostas de fazer nela?, as crianças D, H, I e J confirmaram gostar de fazer rodas nesta nova área. No entanto, as crianças D e H também apresentaram interesse pela dança, e as crianças I e J pela pintura. Às crianças A, B e K consegui com que se interessassem pela realização de jogos e danças nesta nova área exterior.

É ainda de referir que as crianças E e F gostaram de dançar, e as crianças C e G de brincar e dançar.

## Análise dos Dados<sup>4</sup> – O que dizem as educadoras

### I - Caracterização dos entrevistados:

| Educadora | Idade   | Anos de Serviço | Local de Serviço          |
|-----------|---------|-----------------|---------------------------|
| A         | 50 anos | 28 anos         | EB1/JI Vale de Santarém 1 |
| B         | 45 anos | 20 anos         | EB1/JI Vale de Santarém 1 |

Quadro N°6 - Caracterização das educadoras entrevistadas

### II – Entrevista:

Esta entrevista surgiu com o objetivo de questionar duas educadoras, quanto à importância da organização do ambiente educativo para a aprendizagem das crianças.

Esta entrevista iniciou-se com as seguintes questões: Considera que a organização do ambiente educativo (espaço-materiais) influencia as aprendizagens das crianças? Como? Pode dar um exemplo? Nesta questão, a educadora A diz que considera que sim, pois *“o espaço deve ser organizado por áreas distintas, proporcionado às crianças experiências diversificadas e momentos lúdicos de aprendizagem”*. Isto, porque *“na área da escrita deve haver materiais tais como: folhas, blocos, revistas, jornais, cartões com imagem associada à palavra, dando oportunidade à criança de “imitar” a escrita despertando assim o interesse pela leitura e pela escrita”*.

A educadora B pensa que influencia, na medida em que o *“espaço deve obedecer (...) a cuidados estéticos e de qualidade pedagógica”*, pois *“qualquer sala de atividades deve dispor de material escolhido criteriosamente obedecendo a padrões de qualidade pedagógica”*.

Na terceira pergunta: No início do ano letivo quais são as preocupações quando organiza o ambiente educativo?, a educadora A disse que no início do ano letivo tem em conta as características das crianças, os seus interesses e a sua faixa etária, e que todas as áreas estejam *“equipadas com materiais variados e à disposição das crianças, facilitando o seu acesso”*.

<sup>4</sup> Vide Anexo IV

A educadora B afirmou que procura ter um espaço organizado que possibilite o desenvolvimento de competências em vários domínios e áreas de conteúdo, e que fomente a autonomia das crianças. No entanto, esta educadora também assegura que é importante permitir à criança o alcance a uma grande variedade de materiais apelativos, que deem resposta às suas necessidades cognitivas, motoras, sensoriais e afetivas.

Para a quarta e quinta questão: Quais são as áreas que tem sempre a funcionar nas primeiras semanas de aulas? Porquê?, a educadora A disse que as áreas que tem a funcionar nas primeiras semanas de aulas são a casinha, os jogos de mesa, as construções, a pintura e a biblioteca, porque pensa serem importantes no desenvolvimento da criatividade, da autonomia, da concentração, da linguagem, da destreza manual e da socialização.

Por sua vez, a educadora B afirmou ter em funcionamento, a área da casinha, da expressão plástica; dos jogos e da biblioteca, por uma questão de dinâmica curricular, uma vez que estas áreas são do agrado das crianças e proporcionam uma interação com o espaço, com os materiais e com as restantes crianças.

Tendo em conta a sexta questão: Ao longo do ano letivo vai mudando a organização do espaço-materiais? As áreas de atividades vão sendo modificadas? Pode dar um exemplo?, a educadora A garantiu que não costuma mudar a organização do espaço e dos materiais, o que faz é introduzir novas áreas. Esta educadora mencionou ainda que tanto o espaço como os materiais só são modificados se for necessário alterar a dinâmica da sala.

Ao contrário da educadora A, a educadora B referiu que o *“espaço é modificado sempre que se note necessidade para o bom funcionamento da sala”*, e que *“os materiais são sempre alvo de remodelação: quando são necessárias abordagens mais complexas pelas crianças; quando não existe motivação; quando outras áreas emergem como necessárias”*.

Passando agora para a questão sete: As crianças costumam participar nesta organização? De que maneira?, a educadora A comprovou que costuma pedir a participação das crianças na escolha de alguns materiais para as áreas e na escolha do número de crianças por área de brincadeira. A educadora A referiu ainda que a biblioteca também é organizada pelas crianças, bem como o quadro das presenças e o quadro do tempo.

A educadora B disse-me que as crianças só participam na organização de algumas atividades, tais como: sugestões sobre o espaço físico e propostas de aquisição

e construção de novos materiais. Outras vezes é a própria da educadora que apresenta alterações, *“porque é necessário que a dinâmica de organização educativa seja feita (...) num clima de expectativa, de surpresa e encantamento com a criação de novas propostas”*.

Relativamente à pergunta oito: Quais são as áreas de atividades que considera importantes para as aprendizagens das crianças e que tem sempre na sala?, a educadora A julga que as áreas mais importantes são: a casinha, a garagem/construções, a pintura/desenho, a biblioteca, o computador e os jogos de mesa, enquanto que a educadora B pensa serem todas sem exceção.

Quanto à nona questão: Das áreas que tem atualmente na sala quais são as que as crianças preferem?, a educadora A, ao observar as suas crianças ao longo do ano letivo, conseguiu informar-me de que as áreas mais solicitadas pelas crianças são a casinha, a pintura/desenho, a garagem/construções e os jogos de mesa. A educadora B comunicou-me de que as áreas mais requisitadas pelas suas crianças são a casinha, o computador e a garagem.

Na última questão: E o que pensa da área que foi criada no recreio?, a educadora A disse achar ser uma área enriquecedora para o espaço exterior, uma vez que é um recurso a ser utilizado pelas crianças. Para além disto, pensa que o palco permite às crianças *“interagirem umas com as outras e desenvolverem a imaginação e a criatividade”*, sendo que para algumas delas torna-se importante, como forma de desinibição e superação do receio de se exporem perante os outros.

A educadora B achou ser uma área muito importante, pois teve *“uma intervenção que amplia a importância do espaço, fora da sala de atividades, na criação de novas oportunidades educativas”*.

## **Principais Conclusões do Tratamento de Dados**

Após a análise das entrevistas, é importante fazer um balanço dos dados recolhidos, a fim de organizar toda a informação obtida e perceber quais as principais ideias transmitidas pelas crianças, bem como pelas educadoras.

### **Entrevista às Crianças**

#### **I - Antes da exploração da nova área exterior:**

Tendo em conta a primeira questão: Quais são as áreas que existem na sala?, todas as crianças fizeram referência à área da casinha e dos jogos, sendo que as crianças A, B, E, F, G, H, I, J e K também mencionaram a área da garagem. As crianças A e B falaram ainda da existência de uma área da plasticina.

A área da biblioteca foi citada pelas crianças A, B, E, F, G e H, enquanto que a área do computador foi referida pelas crianças E, F, G, H, I e J. Posteriormente, houve menção à possibilidade de produção de desenhos, por parte das crianças A, B, G e H, e à brincadeira com fantoches, por parte das crianças G e H.

Por fim, constatei que existia ainda uma outra área na sala, destinada à brincadeira com Barbies. Esta prova foi dada pelas crianças I, J e K.

Passando para a questão número dois: Para que servem?, todas as crianças referiram que as mesmas serviam para brincar. No entanto, as crianças C e D pensavam que as áreas existentes na sala também serviam para jogar, e as crianças I e J julgaram servir para fazerem muitas coisas nelas.

Na pergunta: O que aprendes nelas?, as crianças A e B afirmaram que aprendem a fazer muitas coisas bonitas e desenhos muito lindos. Por sua vez, as crianças C, D, G e H responderam que com as áreas da sala aprendem a jogar. É de referir ainda que as crianças C e D também pensavam que nas áreas de brincadeira livre podiam aprender a tratar bem os bebés. Apenas as crianças E e F responderam que não sabem o que podem aprender nas áreas de brincadeira.

Nas questões: Onde é que gostas mais de estar? Porquê?, a área da casinha revelou-se ser do agrado das crianças A, B, C, D, G, H e K, enquanto que o computador apenas das crianças E e F, e rua e a sala apenas pelas crianças I e J. As crianças G e H também demonstraram interesse pela área da garagem.

As crianças A e B disseram que gostavam mais da casinha, porque é giro, e as crianças I e J, porque é divertido. As crianças I e J, juntamente com a criança K, revelaram gosto pelas áreas escolhidas, pelo seguinte motivo: [“porque gostamos”].

As crianças C, D, G e H explicaram o seu interesse pelas áreas escolhidas, devido ao facto de teres muitos brinquedos. No entanto, as crianças G e H, juntamente com as crianças E e F, também esclareceram esta preferência por serem áreas que possuem jogos.

Relativamente às questões: Existe alguma área nova que gostarias de ter na sala? E no recreio?, as crianças A, B, C, D, G, H, I e J disseram que gostariam de ter uma área na sala, mas apenas as crianças C, D, G, H, I e J mencionaram o tipo de área (crianças C e D: um barco e um avião; crianças G e H: garagem e casinha; crianças I e J: bonecas). É ainda de referir que a criança K não manifestou interesse pela criação de uma nova área na sala.

Para o recreio, as crianças A e B gostariam de ter um parque grande, e as crianças C e D, um campo de moto quatro e motocross. Por sua vez, a presença de um escorrega foi nomeada pelas crianças G e H, e a existência de brinquedos, pelas crianças I e J. No entanto, as crianças A, B, G e H também fizeram referência à colocação de baloiços. Mais uma vez a criança K não revelou interesse pela criação de novas áreas de brincadeira.

## **II – Após a exploração da nova área exterior:**

Começando com a primeira pergunta desta categoria: Qual é a nova área que existe no exterior?, todas as crianças responderam que existia um palco no exterior.

Na segunda questão: O que fazes nela?, já houve alguma controvérsia, pois as crianças A, B, C, D, G, H, I e J disseram que nela podiam brincar, e as crianças A e B, juntamente com a criança K, declararam que podiam fazer teatros e fantoches.

Para além disto, as crianças C e G também referenciaram os jogos e as canções como atividades a desenvolver na nova área exterior. O mesmo aconteceu com as crianças I e J, que para além da brincadeira, podiam, igualmente, dançar.

É ainda de relatar que as crianças C, E, F, G, I e J também expuseram a possibilidade de cantar.

Quanto à terceira questão: O que é que aprendes lá?, as crianças A, B, D, H e K declararam que aprendem a brincar. No entanto, as crianças A, B e K também enunciaram que através da nova área exterior, é possível aprender a desenhar.

A aprendizagem da dança e do canto foram duas perspetivas anunciadas pelas crianças I e J, sendo que a aprendizagem da dança é também vista aos olhos das crianças D e H, como uma possibilidade na área dos espetáculos.

As crianças C e G mencionaram, para esta questão, a aprendizagem do jogo de futebol. Por último, as crianças E e F referiram que nesta nova área não é possível realizar qualquer aprendizagem.

Para a quarta e última questão: O que mais gostas de fazer nela?, as crianças A, B, C, G e K afirmaram que na área dos espetáculos podem fazer jogos, sendo os desenhos ainda relatados pelas crianças A, B e K.

A dança foi outra perspetiva proferida, mas desta vez pelas crianças C, D, G e H. As crianças C e G disseram ainda que o que mais gostam de fazer na área dos espetáculos é brincar e cantar. O canto também foi escolhido como o preferido, por parte das crianças E e F.

As crianças I e J nomearam a pintura e a realização de rodas como as brincadeiras preferidas a fazer nesta área. A realização de rodas também foi escolhida pelas crianças D e H.

### **Entrevista às Educadoras**

#### **III - Entrevista**

Para a primeira e segunda questão desta categoria: Considera que a organização do ambiente educativo (espaço-materiais) influencia as aprendizagens das crianças? Como? Pode dar um exemplo?, foi possível verificar que a educadora A e a educadora B têm opiniões diferentes, pois vejamos: a educadora A disse que o espaço é organizado por áreas distintas, proporcionado às crianças experiências diversificadas e momentos lúdicos de aprendizagem, dando o exemplo da área da escrita *“na área da escrita deve haver materiais que deem oportunidade à criança de “imitar” a escrita, despertando assim o interesse pela leitura e pela escrita”*. A educadora B apenas deu o exemplo de que o material deve obedecer a padrões de qualidade pedagógica.

Relativamente à terceira pergunta: No início do ano letivo quais são as preocupações quando organiza o ambiente educativo?, constatei o facto da educadora A

fazer referência ao espaço como facilitador do desenvolvimento de áreas de conteúdo e da autonomia das crianças, e o facto da educadora B mencionar o espaço como um instrumento essencial no contacto com uma grande variedade de materiais apelativos. No entanto, ambas as educadoras disseram que o espaço deve possibilitar o desenvolvimento de competências em vários domínios.

Quanto às perguntas número quatro e cinco: Quais são as áreas que tem sempre a funcionar nas primeiras semanas de aulas? Porquê?, as construções e a pintura foram as indicadas pelas educadora A, e a expressão plástica pela educadora B. A área da casinha, a área dos jogos e a biblioteca foram citadas por ambas as educadoras.

A educadora A escolheu estas áreas, porque são “importantes” para o “desenvolvimento da criatividade, autonomia, concentração, linguagem, destreza manual e socialização”. A educadora B referiu ter estas áreas abertas nas primeiras semanas de aulas, por uma questão de dinâmica curricular, pois estas áreas são do agrado das crianças e proporcionam uma interação com o espaço, os materiais e as restantes crianças.

Passando agora para a questão número seis: Ao longo do ano letivo vai mudando a organização do espaço-materiais? As áreas de atividades vão sendo modificadas? Pode dar um exemplo?, averigui que a educadora A não costuma alterar a organização do espaço, mas tem por hábito introduzir novos espaços. Por sua vez, A educadora B afirma que os materiais são sempre alvo de alteração, ou seja, quando são necessárias abordagens mais complexas pelas crianças; quando não existe motivação; e quando outras áreas emergem como necessárias.

Tanto a educadora A como a B referiram ainda que só são alterados os espaços e os materiais se for necessário alterar a dinâmica da sala.

Na sétima questão: As crianças costumam participar nesta organização? De que maneira?, foi possível verificar que na sala da educadora A, o grupo participa na definição do número de crianças por área de brincadeira, bem como na organização da biblioteca, do quadro de presenças e do quadro do tempo. Na sala da educadora B, as crianças dão sugestões sobre o espaço físico e propostas de aquisição e construção de novos materiais. Em ambas as salas, as crianças também cooperam na organização do espaço e dos materiais.

Na oitava questão: Quais são as áreas de atividades que considera importantes para as aprendizagens das crianças e que tem sempre na sala?, a educadora A indicou a casinha, a garagem/construções, a pintura/desenho, a biblioteca, o computador e os

jogos de mesa, enquanto que a educadora B disse que todas as áreas, sem exceção, são importantes para a aprendizagem das crianças.

Para a nona pergunta: Das áreas que tem atualmente na sala quais são as que as crianças preferem?, foi evidente, por parte da educadora A, que as áreas mais procuradas pelas crianças são a pintura/desenho, as construções e os jogos de mesa, e pela educadora B, o computador. Tanto a educadora A como a B mencionaram ainda a casinha e a garagem.

Para a última pergunta: E o que pensa da área que foi criada no recreio?, as educadoras deram ideias diferentes, pois vejamos: a educadora A garantiu que a mesma veio enriquecer o espaço exterior, sendo um recurso a ser utilizado pelas crianças. Para esta educadora, na nova área exterior, as crianças também podem interagir umas com as outras, e desenvolverem a imaginação e a criatividade. A educadora A afirmou ainda que a nova área era importante para as crianças se desinibirem e ultrapassarem o receio de se expor.

A educadora B achou a nova área Importante para a criação de novas oportunidades educativas.

## **5. Síntese Final**

A partir da análise das entrevistas parece-me poder dizer que para as crianças, a área da casa assume-se como um dos espaços de brincadeira de eleição e que, após a construção da nova área exterior as suas brincadeiras assentaram, essencialmente, na representação de papéis, bem como na exploração do próprio corpo através de danças e pequenos jogos de grupo.

Em relação às educadoras, percebi que, e voltando aos objetivos gerais do meu estudo, estas realçam fortemente a participação das crianças no que diz respeito à organização do ambiente educativo, assim como têm em conta os interesses e necessidades das mesmas. Por exemplo, a nova área exterior, para além de ser um espaço aberto à criatividade das crianças, serviu também como palco para a festa final de ano, utilizado não só por toda a comunidade educativa, mas também pelos próprios pais das crianças. Este foi construído com o intuito de trabalhar a autoconfiança das crianças e também todo o processo de socialização, na medida em que esta era uma das grandes dificuldades iniciais do grupo.

Verifiquei também que há diferenças na forma como o educador valoriza as diferentes áreas de atividades. Estas são pensadas e criadas de acordo com as aprendizagens que as crianças irão atingir nelas.

Por sua vez, as crianças também valorizam as diferentes áreas e, muitas das vezes, a opinião delas é completamente diferente da do educador. Contudo, cabe a este último estabelecer um ponto de equilíbrio entre os interesses das crianças e as suas futuras aprendizagens nas diferentes áreas, na medida em que é neste espaço, criado por elas, que elas crescem e se tornam autónomas.

Assim, chamar as crianças a participar na sua própria vida, na instituição que frequentam, permite que estas se sintam numa “atmosfera de auto-realização e de confiança e respeito mútuos” (Hohmann & Weikart, 2010, p.77). É, por isso, fundamental que isso aconteça desde que as crianças chegam à sala de atividades, mesmo nos casos em que a sala se mantém de um ano para o outro, pois as aprendizagens alteram-se, as necessidades e interesses já são diferentes e é necessário adequar o espaço às características dos seus “habitantes”.

## Reflexão Final

A construção do presente relatório representa um conjunto de inúmeras vantagens, uma vez que engloba todas as aprendizagens adquiridas nos vários contextos de estágio, as reflexões acerca dos mesmos, bem como todo o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Após a análise das entrevistas às educadoras, percebi que a organização do ambiente educativo é extremamente importante, no que diz respeito ao crescimento global da criança. Nós, enquanto futuras profissionais de educação devemos pensar no espaço educativo enquanto meio potenciador de conhecimentos e aprendizagens, significativas, às crianças. Este deve respeitar as características do grupo de crianças com quem nos encontramos a trabalhar, assim como os seus interesses e necessidades.

De forma a verificar qual é o impacto que a organização do ambiente educativo têm sobre as crianças, durante o meu segundo estágio curricular decidi criar uma nova área no exterior da sala. Fiz um palco para que as crianças pudessem trabalhar a expressão dramática, algo que partia não só do interesse das crianças, como também da educadora, uma vez que no início do ano letivo grande parte do grupo evidenciava dificuldades em exprimir-se.

Como envolvia materiais inadequados à utilização por parte das crianças, a parte da construção ficou ao meu encargo, enquanto que a decoração do mesmo deixei ao encargo das crianças. Cada uma desenhou o que quis na tela de decoração.



Figura 5 - Participação das crianças na decoração da nova área

Após a decoração passámos à exploração da mesma. Inicialmente deixei as crianças explorarem livremente o palco, o que se tornou bastante enriquecedor, na medida em que a maioria das crianças dramatizava histórias ou fazia pequenas danças no mesmo.

Posteriormente, este foi utilizado para contar histórias, neste caso dramatizadas, bem como para a festa final de ano, onde participaram as crianças, os pais e a restante comunidade educativa.

Após a criação e, posterior exploração da nova área, percebi que a opinião e os interesses das crianças contam muito, no que diz respeito à organização do ambiente educativo. Nesse sentido, e enquanto futuras profissionais de educação, quando pensamos em organizar um espaço educativo para um determinado grupo deveremos, previamente, fazer o planeamento do espaço juntamente com as crianças, questionando-as acerca dos seus interesses e gostos. Numa segunda fase, deveremos também contar com a participação ativa das mesmas no processo de organização do espaço que vai sendo realizado ao longo do ano letivo.

Posto isto, os educadores devem considerar as crianças como um interveniente ativo da sua própria aprendizagem, desde o momento do planeamento até ao momento da avaliação.

“E para existir uma participação das crianças, é fundamental a existência de uma estruturação espaço-temporal bem definida e explícita, que lhes permita um funcionamento autónomo, dentro da sala de atividades.” (Cardona, M<sup>a</sup>, 1999, p.137)

Este processo investigativo representa um forte contributo na minha formação enquanto profissional de educação, pois o mesmo permitiu a aquisição de novas competências e, conseqüentemente o entendimento da necessidade de apostarmos frequentemente na nossa formação. Para além disso, o questionamento e reflexão sobre a investigação mostraram-me mais uma vez, à semelhança do que afirmam Oliveira e Serrazina (2002) a indispensabilidade de uma prática reflexiva para o nosso desenvolvimento enquanto profissionais mais responsáveis, melhores e mais conscientes.

No que refere à problemática que ocupou o meu estudo, pude entender como ela é central na ação profissional. Assim, e em jeito de conclusão, identifico-me, por isso, com Hohmann & Weikart (2011, p.216), quando afirmam que “A maneira como os adultos arranjam e equipam o espaço para as crianças é orientado pelos componentes da aprendizagem activa e influencia a maneira como as crianças e os adultos aprendem e ensinam”, assim como com Sprinthall & Sprinthall, (1993, p.256) “os professores proporcionam as condições para a aprendizagem na sala de aula não só através do que dizem, mas também através do que fazem.”

## Referências Bibliográficas

- ALARCÃO, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores, Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora.
- ANDRADE, F. (2011). O espaço na Pedagogia-em-Participação. In: Oliveira-Formosinho, J. (org.). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Coleção Infância. Porto: Porto Editora (11-69).
- ATAÍDE, M. (1986). *Pedagogia de Situação*. Escola de Educadores da Infância. Lisboa
- BANET, B., HOHMANN, M. & WEIKART, D. (1995). *A criança em acção*. 4ª. Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BRICKMAN, NANCY e TAYLOR, LYNN (1991). *Aprendizagem Activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BODGAN, R., & BIKLEN, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos*. Porto: Porto Editora.
- BROFENBRENNER, U. (1981). Ecology of family as a context for human development: Research perspectives. *Development Psychology*.
- CARDONA, M. J. (1992). A Organização do Espaço e do Tempo na Sala de Jardim-de-Infância. In: Seabra, M. (org.). *Cadernos de educação de infância* (Nº 24). Associação dos Profissionais de Educação de Infância. Lisboa
- CARDONA, M. J. (1999). O Espaço e o tempo no Jardim de infância. In: *Posições* (Vol. 10 Nº 1).
- CARDONA, M. J. (2006). *Educação de Infância, Formação e Desenvolvimento Profissional*. Chamusca: Edições Cosmos;
- CORREIA, R. (1993). *Contextos Formais de Educação e Desenvolvimento da Criança – contributos para a Educação Pré-Escolar*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologias, Lisboa.

- FORMOSINHO, J. (Org.), Katz, L., McClellan, D., Lino, D. (1996). *Educação Pré-escolar. A construção social da moralidade*. Lisboa: Texto Editora.
- FORMOSINHO, J. (2011). Pedagogia-em-Participação: a perspectiva da Associação Criança. In: Oliveira-Formosinho, J. (org.). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Coleção Infância. Porto: Porto Editora (98-117).
- FORNEIRO, L. (2007). A Organização dos Espaços na Educação Infantil.. In: Zabalza, M. *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre - Brasil: ArtMed (Obra original publicada em 1998)
- GOMEZ, A. P. (1997). in Nóvoa, A. *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Publicações D. Quixote, Instituto de Inovação Educacional.
- GRAUE & WALSH (1998). in *Studying Children in Context – Theories, Methods, and Ethics* : Sage Publications
- HOHMANN, M. & WEIKART, D. (2009). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- KANDEL, L. (1981). *Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente a não-directiva, e sobre as pesquisas de opinião*. In Thiollent, Michel J. M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 2 Ed. São Paulo: Polis, p. 169-189 (Coleção Teoria e História).
- ME/DEB (1997). *Legislação*, Lisboa: ME/DEB
- ME/DEB (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa: ME/DEB
- ROLDÃO, M. C. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências – As questões dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- SPRINTHALL, N. & SPRINTHALL, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- ZABALZA, M. (2007). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre - Brasil: ArtMed (Obra original publicada em 1998)



## **Legislação Consultada**

Circular n.º: 4 /DGIDC/DSDC/2011 (consultado em janeiro de 2013)

Circular n.º: 17 /DSDC/DEPEB/2007 (consultado em janeiro de 2013)

Despacho Conjunto n.º 258/97, de 21 de Agosto (consultado em janeiro de 2013)

Lei n.º5/97, de 10 de fevereiro (consultado em janeiro de 2013)

Portaria 411/2012, de 14 de dezembro (consultado em janeiro de 2013)

## **Webgrafia**

Manual dos Processos-Chave Creche -

[http://www2.seg-social.pt/preview\\_documentos.asp?r=16680&m=PDF](http://www2.seg-social.pt/preview_documentos.asp?r=16680&m=PDF) (consultado em novembro de 2012)

Ministério da Educação -

[http://www.dgicd.minedu.pt/educacaoinfancia/data/educacaoinfancia/Documentos/early\\_childhood\\_education\\_and\\_care\\_policy\\_in\\_portugal\\_report\\_pt02.pdf](http://www.dgicd.minedu.pt/educacaoinfancia/data/educacaoinfancia/Documentos/early_childhood_education_and_care_policy_in_portugal_report_pt02.pdf) consultado em novembro de 2012)

Metas de Aprendizagem - <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/educacao-pre-escolar/metas-de-aprendizagem/>. (consultado em agosto de 2012)

# **Anexos**

**Anexo I - Artigo do Projeto Europeu TODDLER**

***- Por oportunidades para crianças desfavorecidas e com necessidades educativas especiais com menos de 3 anos -***

## **Título**

Projeto Europeu TODDLER - Por oportunidades para crianças desfavorecidas e com necessidades educativas especiais com menos de 3 anos

## **Autores**

Elódia Oliveira, Soraia Cardoso, Susana Godinho

Escola Superior de Educação – Alunas dos mestrados que habilitam para a docência

Maria João Cardona (coordenadora do projeto), Helena Luís, Isabel Piscalho, Marta Uva, Teresa-Cláudia Tavares

Escola Superior de Educação – Docentes

## **Resumo**

A qualidade da educação e dos cuidados precoces são uma base fundamental para a forma como decorre a aprendizagem ao longo da vida, especialmente no caso das crianças oriundas de meios desfavorecidos. A equidade na educação continua sem existir e as crianças mais afetadas são as oriundas de famílias pobres, famílias migrantes e/ou com baixa escolaridade.

Esta comunicação pretende descrever o projecto Europeu **TODDLER** (*Towards Opportunities for Disadvantaged and Diverse Learners on the Early childhood Road - Educating the reflective practitioner to give toddlers a fair chance for lifelong learning*) que tem a duração prevista de três anos, envolve oito países europeus (Bélgica, Noruega, Dinamarca, Roménia, Portugal, Espanha, Reino Unido e Alemanha), é coordenado pela Universidade de Stavanger (Noruega) e tem como parceira a Escola Superior de Educação de Santarém (ESES). A sua principal finalidade é apoiar educadoras e educadores na organização de respostas educativas que promovam uma maior igualdade de oportunidades através do desenvolvimento de um conjunto de diferentes propostas curriculares para apoiar a aprendizagem dos “toddlers” (18 aos 36 meses), sobretudo para os que se encontram em situação de desvantagem socio-económica ou de conhecimento da língua.

As tarefas do projeto foram divididas entre os parceiros de acordo com os seus pontos fortes e experiência e serão desenvolvidos materiais de ensino como resultado do trabalho realizado. Estes materiais pretendem explorar estratégias e analisar exemplos

de boas práticas.

A equipa da ESES irá identificar práticas de envolvimento dos pais de forma a melhorar as oportunidades de desenvolvimento, aprendizagem e bem-estar das crianças (18/36 meses).

Nesta comunicação serão apresentados alguns dos resultados das entrevistas realizadas a 20 pais num centro de saúde de Santarém.

**Palavras - chave**

Envolvimento parental; intervenção precoce; formação de educadores/as.

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1766/1700>

## **Anexo II - Projeto Creche**

**“Estará a decoração da sala adequada às necessidades das  
crianças?”**

**Projeto Pedagógico de Sala**

**1 Ano**

**Ano letivo 2011/2012**

**“Estará a decoração da sala adequada às necessidades das crianças?”**



**Educadora cooperante:**

Gabriela Amado

**Discente:**

Elódia Oliveira nº 110219015

Joana Pereira nº 110219022

**Centro Interparoquial de Santarém  
Unidade Padre Manuel Francisco Borges**

Mestrado em Educação Pré-Escolar

*“ A Creche é uma realidade que está para ficar.  
O desafio está em torná-la uma realidade de qualidade”.*

(Gabriela Portugal, 1998)

# Introdução

---

Compreende-se um projeto como um conjunto de atividades não repetitivas que visam alcançar objetivos pré-estabelecidos (de prazo, custo e resultados) e que, por sua vez, envolvem diversos recursos.

“O projeto do educador é um projeto educativo/pedagógico que diz respeito ao grupo e contempla as opções e intenções educativas do educador e as formas como prevê orientar as oportunidades de desenvolvimento e aprendizagens de um grupo”  
(Lopes da Silva, 1997: 44)

Tendo em conta o nosso contexto - creche, um projeto assume-se então como uma previsão intencional de algo que se pretende realizar mediante um plano de ação delineado, de modo a assegurar as aprendizagens das crianças de acordo com os objetivos planeados para as mesmas.

Para tal, no presente projeto partimos do princípio de que uma **Creche** deve ser um local onde “a criança muito pequena recebe cuidados que ajudam o seu desenvolvimento emocional, intelectual, social e físico” e em que as suas necessidades básicas são asseguradas por pessoal competente (GRANGER, M<sup>a</sup>. José, Guia para Montagem e Funcionamento de uma Creche). Também, e de acordo com esta autora, a **Creche** deve “oferecer às crianças o ambiente que substitui o meio familiar, num local onde (...) será possível desenvolverem-se em todos os domínios”.

Assim, para a realização do projeto é fundamental ter presente os princípios da ação educativa patentes na creche. Segundo Gonzalez-Mena e Eyer estes assentam nos seguintes princípios:

“PRINCÍPIO 1- Envolver as crianças nas coisas que lhes dizem respeito

PRINCÍPIO 2- Investir em tempos de qualidade procurando-se estar completamente disponível para as crianças.

PRINCÍPIO 3 – Aprender a não subestimar as formas de comunicação únicas de cada criança e ensinar-lhe as suas.

PRINCÍPIO 4 – Investir tempo e energia para construir uma pessoa “total”.

PRINCÍPIO 5 – Respeitar as crianças enquanto pessoas de valor e ajudá-las a reconhecer e a lidar com os seus sentimentos.

PRINCÍPIO 6 - Ser verdadeiro nos nossos sentimentos relativamente às crianças.

PRINCÍPIO 7 – Modelar o comportamento que se pretende ensinar

PRINCÍPIO 8 – Reconhecer os problemas como oportunidades de aprendizagem e deixar as crianças tentarem resolver as suas próprias dificuldades.

PRINCÍPIO 9 – Construir segurança ensinando a confiança.

PRINCÍPIO 10 – Procurar promover a qualidade do desenvolvimento em cada fase etária, mas não apressar a criança para atingir determinados níveis desenvolvimentais.” (Gonzalez – Mena e Eyer, 1989)

Posto isto, tencionámos ainda reunir e utilizar os recursos humanos e físicos adequados e organizar as atividades da sala para que atendam as necessidades individuais de cada criança.

Em suma, e como forma de explicar como se organiza o nosso projeto, pretendemos caracterizar a Instituição, o seu projeto e objetivos, bem como a sala que nos foi designada para intervir e o seu grupo. Em seguida, fundamentamos os objetivos delineados no nosso projeto caracterizando a faixa etária das crianças. Para finalizar propomos os objetivos, estratégias e avaliação para desenvolver com estas crianças durante o nosso período de intervenção.

# Caracterização da Instituição

---

O Centro Social Interparoquial de Santarém (CSIS) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) sem fins lucrativos que tem como principal objetivo a prática de solidariedade social.

A Unidade Padre Manuel Francisco Borges, situada da Travessa de S. Brás, é constituída por duas valências de Creche, uma de Pré-escolar, o Departamento de Recursos Humanos e o Departamento Administrativo.

A Creche neste momento conta com a frequência de 79 crianças entre o berçário, a sala de 1/2 anos e a sala de 2/3 anos, enquanto que o Pré-Escolar conta com a frequência de 148 crianças entre a sala de 3/4 anos, a sala de 4/5 anos e a sala de 5/6 anos.

O horário de funcionamento do estabelecimento é das 8h.00 às 19h.00, funcionando em período letivo das 8h00 à 13h00 e das 14h00 às 16h00, ou das 8h30 à 13h e das 14h às 16h30min. O horário das componentes verifica-se no período da manhã entre as 8h00 e as 8h30min e no período da tarde das 16h30min. às 19h.

O jardim-de-infância “Milagre” é constituído por duas creches (creche 1 e creche 2) e pré-escolar. A entrada da instituição é feita pelo piso do pré-escolar, onde se podem observar alguns placares com informações sobre a instituição, tais como: o horário letivo e das componentes; plano de atividades; ementa; regulamento da creche e do pré-escolar; calendário escolar; o quadro dos funcionários e a tabela de preços aplicada pela Instituição.

Relativamente à creche 1, esta caracteriza-se por ser constituída por três salas, um pequeno refeitório e uma casa de banho para adultos.

No que diz respeito à creche 2, esta encontra-se dividida em três salas amplas de atividades, arejadas e com boa iluminação natural. Um berçário, uma sala de um ano e uma sala de dois anos. Esta creche também é constituída por uma copa de apoio ao berçário, um refeitório explorado pelas outras duas salas (um e dois anos), uma sala reservada a reuniões utilizada em momentos específicos, normalmente delineados pela coordenadora ou pelas educadoras, uma casa de banho para adultos, mais propriamente

para os funcionários, um gabinete de recursos humanos e uma sala dos funcionários equipada com cacifos e armários para guardar os seus pertences.

O pré-escolar é composto por 6 salas. Duas para as crianças de 3/4 anos, outras duas para a faixa etária dos 4/5 anos e as outras duas para as crianças dos 5/6 anos.

A hora do almoço e do lanche é comum às duas creches, por isso todas as crianças almoçam por volta das 11h e lancham às 15h30. As crianças do pré-escolar fazem as suas refeições um pouco mais tarde.

A cozinha, localizada no piso inferior e numa das extremidades da Instituição, é um espaço reservado unicamente às funcionárias que ali trabalham, no cumprimento das regras de higiene e segurança necessárias ao bom funcionamento da Instituição. Na parte exterior da Instituição, oposta ao recreio do pré-escolar, encontra-se uma lavandaria. (**vide anexo 1**)

# O Projeto da Instituição

---

O trabalho pedagógico da Instituição desenvolve-se partindo do seu Projeto Educativo, do Plano Anual de Atividades e do Projeto Pedagógico de Sala.

Assim, o projeto da Instituição tem como tema: “Educar para a vida” e tem como principal objetivo *fomentar nas crianças atitudes de respeito e de valorização crítica pelo meio ambiente, assim como interiorizar os elementos que o configuram.*

“A escolha desta problemática está também relacionada com o facto de verificarmos que a criança desde muito cedo começa a construir ideias (pré-conceitos) sobre as relações com os outros, com o Mundo Natural e com o Mundo construído pelo Homem.

Na área das Ciências da Natureza, tal como nas outras áreas do conhecimento, a criança tem uma curiosidade natural e desejo de saber e compreender o porquê. Esta curiosidade deverá ser fundamentada e alargada e proporcionando à criança oportunidade de contactar com novas situações, descobrindo e explorando o seu mundo de forma saudável.

Assim, pensamos que através desta problemática conseguimos proporcionar a cada criança o desenvolvimento de capacidades/ conhecimentos, abrindo-lhe novos horizontes, estando mais alerta para os seus próprios interesses e motivações. Para tal elaboramos um plano de intervenção orientador de toda a ação educativa a realizar. Procuramos enumerar ações de forma a podermos vir a atingir com sucesso o objetivo definido.” (retirado do projeto pedagógico da instituição). (**vide anexo 2**)

# Objetivos Gerais da Instituição

---

- Promover uma boa adaptação a creche transmitindo, tranquilidade, segurança e afetividade;
- Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e segurança;
- Respeitar o ritmo individual da criança;
- Promover o contacto com outras crianças num ambiente próprio permitindo o desenvolvimento harmonioso das personalidades;
- Proceder á despistagem de inadaptação, deficiência ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança,
- Promover o desenvolvimento social da criança;
- Desenvolver a capacidade sensorial e cognitiva;
- Promover o desenvolvimento físico e a coordenação motora;
- Desenvolver a expressão e a linguagem através de linguagens múltiplas como meio de relação;
- Promover autonomia;
- Promover hábitos de higiene e do relacionamento com os outros;
- Despertar a curiosidade;
- Contribuir para o sucesso na aprendizagem;

(retirado do projeto da Instituição)

## Caracterização da Sala

---

A sala de um ano, situada no primeiro andar do edifício, é uma sala ampla e bastante iluminada. À entrada da mesma, mais propriamente no corredor que dá acesso ao berçário, encontra-se uma zona de cabides, onde os encarregados de educação das crianças colocam os seus pertences. Cada criança tem um cabide com o respetivo nome, o que facilita o reconhecimento não só dos pais, como também das próprias crianças, que já sabem onde são colocadas as coisas delas.

Nas paredes mesmo junto à porta da sala encontram-se dispostos aos encarregados de educação o registo diário das crianças (o nome da criança, quem a trouxe, a quem deixou e quem a veio buscar), a ementa, assim como a planificação mensal, elaborada pela educadora cooperante da sala.

Como se trata de um grupo de crianças muito novo – um ano, não faz sentido a sala dividir-se ainda em áreas. Posto isto, e tratando-se de uma sala de grandes dimensões, as crianças dispõem assim da maioria dos materiais que não criam perigo, à exceção dos livros ou outros materiais de suporte pedagógico, como por exemplo o rádio, para que possam explorar livremente.

Num dos cantos da sala existe uma mesa redonda onde são realizadas grande parte das atividades dirigidas relacionadas com a expressão plástica, assim como é também utilizada pelas próprias crianças durante os seus momentos de brincadeira livre.

Existe um tapete grande num dos espaços da sala onde é realizada uma das rotinas diárias – o lanche da manhã, assim como onde se cantam as canções com as crianças e onde se contam as histórias às mesmas. Este possui também três grandes almofadas de apoio, tanto à educadora como às crianças. Uma outra particularidade da sala é a existência de um espelho, por cima da zona do tapete, que proporciona o conhecimento da autoimagem, isto é, quando a criança vê o seu reflexo no espelho reconhece automaticamente o seu corpo.

Outro objeto bastante aliciante para este público é o baloiço. Este também tem um peso importante no desenvolvimento das capacidades motoras da criança, pois exige-lhe que se sente e controle o seu corpo, balançando-o, de forma a fazer com que o

baloço se movimente. Por outro lado, como o baloço presente na sala é de três lugares, este é também um espaço que promove a interação entre as crianças.

Exemplo de grande estimulação motora é a “estrutura do escorrega”, que se encontra num dos cantos da sala e que tem a si associado, de vez em quando, um escorrega. O acesso ao escorrega, que é um entretenimento bastante aliciante para as crianças desta idade, é feito através de um patamar. Ao querer aceder ao escorrega, a criança acaba por conseguir subir o patamar e é este estímulo que contribui para o seu desenvolvimento motor. Sempre que a educadora coloca à disposição das crianças o escorrega, esta estrutura desloca-se para o meio da sala, quando isso não se verifica, esta encontra-se num dos cantos, servindo assim como uma “escada”, em que as crianças sobem e descem através dos diversos buracos.

Brinquedos como carrinhos, cubos e animais são arrumados em alguidares que se encontram em cima da mesa redonda de atividades.

Outro aspeto pertinente da sala de aula é a forma como as paredes se encontram decoradas. Os palhaços são o tema central da decoração, pois ao longo de todas as paredes podemos encontrar palhaços. Logo à entrada, na parede do lado esquerdo, encontra-se uma tabela que demonstra aos pais toda a rotina do seu educando, desde as refeições às necessidades fisiológicas e horas de sono. Contém ainda a coluna das observações, onde são colocadas informações adicionais, como por exemplo a falta de algum dos bens de primeira necessidade que ficam ao encargo do encarregado de educação (fraldas, cremes, toalhas) ou algum acontecimento fora do normal, como por exemplo a informação de que a criança vomitou. Na parede do lado direito, bem como na parede que se encontra por cima do tapete, encontra-se um placard onde são colocados trabalhos realizados pelas crianças, ou outros documentos essenciais. Por fim, na parede ao lado da janela que dá acesso ao exterior, encontra-se um palhaço gigante com as respetivas datas de aniversário das crianças.

Na sala ainda existem dois armários, um de suporte aos materiais das crianças, bem como aos da educadora (livros, materiais de expressão plástica, entre outros), e outro onde se encontram os lençóis e cobertores de cada uma das crianças.

Existe outra grande janela, que é a que separa a sala de atividade do fraldário, permitindo assim que a educadora/auxiliar mantenha um visionamento constante do grupo.

O fraldário, local onde se realizam os cuidados de higiene, é composto por uma banheira, uma sanita e três lavatórios, adequados ao tamanho das crianças, dois bacios pessoais, um compartimento com uma sanita para adultos, umas prateleiras com os respetivos nomes das crianças, onde se colocam os pertences das mesmas, desde fraldas, cremes, toalhitas, tudo dividido para que o acesso aos mesmos, por parte da educadora e auxiliar, se torne fácil, e outro móvel onde estão guardados os restantes pertences. Por cima deste, encontra-se o muda fraldas, onde a auxiliar troca as fraldas às crianças.

Neste compartimento da sala também existem cabides identificados, com os respetivos sacos das mudas de roupa das crianças.

# Caracterização do Grupo

---

O grupo da sala de um ano é constituído por catorze crianças, das quais oito são do sexo feminino e seis do sexo masculino, com idades compreendidas entre os onze e os vinte e três meses.

Grande parte das crianças da sala frequentou o berçário, com exceção das crianças mais novas do grupo que, apesar das divergências, se encontram totalmente integradas no grupo.

A expressão oral da maioria das crianças é adequada à sua faixa etária, na medida em que aplicam alguns vocábulos, assim como utilizam o gesto para se fazerem entender.

No que diz respeito às rotinas alimentares, grande parte das crianças do grupo já comem sozinhas, com a colher, bem como bebem água sozinhos num copo de plástico. Relativamente às rotinas higiénicas, todas as crianças dependem ainda do auxílio do adulto, independentemente de utilizarem fraldas ou bacio.

O grupo tem como interesses a dança, a música, as histórias e a construção com blocos de encaixe simples. É um grupo que já consegue estar sentado no tapete durante o lanche da manhã e durante a audição de histórias e canções.

As crianças desta sala revelam ainda comportamentos egocêntricos, na medida em que não gostam de partilhar os seus brinquedos, pois nesta fase as crianças ainda se encontram a explorar os espaços da sala, bem como a aprender pequenas regras de convivência.

Todas as crianças identificam o seu nome, a sua cama, assim como todas dormem bem a sesta depois da hora de almoço. Deste modo, e perante estas características, a educadora afirma que não se verifica nenhuma criança com necessidades educativas especiais.

Estas crianças são oriundas maioritariamente de um meio socioeconómico médio alto. De acordo com os dados facultados pela educadora cooperante, constatámos que a

maioria dos pais possui o 12º ano. Contudo, as habilitações literárias destes variam entre o 9º e o mestrado.

Ao nível do emprego enquadram-se no sector primário, secundário e terciário, sendo a percentagem do terciário ligeiramente superior. Há no entanto dois desempregados.

#### Habilitações Académicas

| Habilitações académicas | Ensino Básico | Ensino Secundário | Ensino Superior |
|-------------------------|---------------|-------------------|-----------------|
| Nº de pais              | 3             | 13                | 8               |

Quadro 1

(estes dados não se encontram completos, uma vez que este campo de informação não se encontrava devidamente preenchido pelo encarregados de educação)

#### Idade dos pais

| Idades | 26-30 anos | 31-35 anos | 36-40 anos | 41-45 anos |
|--------|------------|------------|------------|------------|
| Pais   | 11         | 8          | 6          | 2          |

Quadro 2

# Rotina da sala

---

Na sala de um ano da Creche 2 existe uma ordem de atividades que é respeitada todos os dias pela educadora e pelas crianças. Destas, destacam-se as seguintes que funcionam como suporte para o trabalho da educadora: o acolhimento das crianças, a hora do lanche; atividades dirigidas; brincadeira livre; a higienização; preparação para o almoço/preparação das camas; almoço; a higienização, a sesta; higienização/arrumação das camas; lanche; higienização; atividades livres.

A rotina diária é também extremamente importante para a criança, uma vez que proporciona uma sequência de acontecimentos que elas seguem, compreendem e vão interiorizando, ao longo do seu percurso de desenvolvimento e aprendizagem, pois é esta sucessão de acontecimentos diários que permitem à criança a antecipação dos acontecimentos, proporcionando-lhe assim segurança, autoconfiança e autonomia, que visam favorecer o seu desenvolvimento sócio-afetivo.

## A rotina da sala de 1 ano:

|       |                |   |
|-------|----------------|---|
| 08h00 | Acolhimento    | No acolhimento a educadora recebe as crianças e conversa com os respetivos pais. Neste período é também feita a primeira higiene da manhã. As crianças têm a possibilidade de brincar livremente.         |
| 09h45 | Hora do lanche | A educadora pede aos meninos para arrumarem a sala e seguidamente sentarem-se no tapete. É neste local que é dado às crianças pão e lhes é cantada, enquanto elas se encontram a comer, diversas canções. |

|       |  |   |
|-------|--|---|
| 9h55  | Atividades planeadas. Brincadeira livre                          | Nas brincadeiras livres as crianças têm a possibilidade de explorar livremente o espaço e os materiais, de forma a aprenderem a interagir umas com as outras.   |
| 10h50 | Higiene – preparação para o almoço/preparação das camas. Canções | As crianças arrumam a sala e dirigem-se para o tapete. A auxiliar chama alguns meninos para ir ao fraldário e os outros ficam com a educadora a cantar canções. Neste período existe mais uma auxiliar na sala para ajudar na preparação das camas para a sesta. Quando todas as crianças estão prontas e o almoço já se encontra servido, a educadora diz a todos os meninos para se deslocarem até ao refeitório, levando apenas as crianças que ainda não andam. |
| 11h00 | Almoço   | Durante a hora de almoço a educadora e a auxiliar ajudam a dar a comida às crianças que ainda não comem sozinhas. Posteriormente, uma delas prepara o segundo, enquanto a outra distribui pelos   |

|       |   |  |
|-------|---|--|
|       |   | meninos. No final do almoço as crianças levantam-se, arrumam as cadeiras e dirigem-se de novo à sala.  |
| 11h30 | Higiene/Preparação para a sesta                   | Cada criança vai à casa de banho, é-lhe feita a higiene às mãos e à boca, para depois se tirar o bibe e os sapatos (isto tudo com auxílio da educadora ou auxiliar).   |
| 12h   | Sesta   | As crianças vão para a cama sozinhas (à exceção das crianças que não andam). Cabe à educadora e auxiliar taparem e aconchegarem as crianças. A educadora e auxiliar ficam na sala até as crianças adormecerem. |
| 14h30 | Higiene. Levantar camas. Preparação para o lanche | A educadora vai tratando os meninos um a um levando-os para o fraldário. Aqui trocam-se as fraldas, vestem-se os bibes, calçam-se os sapatos e penteiam-se os meninos.   |
| 15h00 | Lanche  | As crianças comem a papa ou o iogurte. Quando todas as crianças estão prontas a educadora organiza-os novamente e leva-os para a sala.   |

|       |                   |   |
|-------|-------------------|---|
| 15h30 | Higiene           | As crianças voltam ao fraldário para irem lavar as mãos e a boca. Neste momento faz-se a higiene a algumas crianças, as que os pais vêm buscar mais cedo. |
| 15h45 | Brincadeira livre | Nas brincadeiras livres as crianças têm a possibilidade de explorar livremente o espaço e interagir umas com as outras.                                   |

# Plano Mensal da Sala

---

## **OUTUBRO**

- As diferentes partes do corpo;
- O Outono;
- A pintura com os dedos;
- Pequenas sessões de psicomotricidade;
- Massa de cor;
- Dança.

## **NOVEMBRO**

- Dia de todos os santos;
- A higiene nasal;
- Digitinta;
- Cores;
- Pequenas sessões de psicomotricidade;
- Desenho com lápis de cera.

## **DEZEMBRO**

- Preparação para a festa de Natal;
- O Natal;
- O Inverno;
- Canções de Natal;
- Aprender a colar papel;
- O círculo;
- A partilha.

## **JANEIRO**

- O dia dos Reis;
- Os perigos;
- Pequena sessão de psicomotricidade;
- Cooperação.

(retirado do projeto da educadora)

# Características da faixa etária (1 ano)

---

Ter um ano é:

## **Aspeto Físico:**

- Sentar-se bem por tempo indefinido;
- Conseguir levantar-se da posição de deitado para a posição de sentado;
- Conseguir elevar-se sozinho e deixar-se cair novamente, agarrando-se à mobília;
- Andar à volta da mobília e tentar trepar pelos lados;
- Andar agarrado por uma ou duas mãos e conseguir ficar de pé por alguns momentos;
- Andar irregularmente com os pés afastados e os braços ligeiramente dobrados e colocados acima da cabeça ou ao nível dos ombros para se equilibrar;
- Começar a andar sozinho mas acabar por cair frequentemente;
- Poder andar já, sozinho.

## **Aspeto Psicomotor:**

- Apanhar fios, pequenas migalhas com a ajuda do polegar e do indicador;
- Conseguir construir uma torre de dois cubos depois de lhe ter sido demonstrado;
- Agarrar o lápis e imitar rabiscos depois de lhe ter sido demonstrado;
- Olhar com interesse para gravuras de um livro e bater com a mão nas páginas;
- Seguir com os olhos o percurso de um brinquedo que tenha sido empurrado;
- Observar uma distância com cerca de 3,60m um pequeno brinquedo a ser puxado ao longo do chão;
- Apontar insistentemente para objetos que deseja que lhe deem;

- Gostar de estar à janela e ver o que se passa lá fora durante alguns minutos.

### **Aspetos Cognitivos:**

- Conhecer o seu nome;
- Balbuciar uma melodia;
- Demonstrar através de movimentos e comportamentos adequados que compreende algumas palavras no seu contexto habitual (ex: o seu próprio nome, carro, o nome de alguns familiares, papa, etc. ...);
- Imitar com entusiasmo as vocalizações dos adultos quando brincam com ele;
- Poder dar alguns objetos comuns se lhe pedir;
- Palrar melodicamente para ela própria, enquanto brinca;
- Diz seis a vinte palavras reconhecíveis e compreender muitas mais;
- Aparecimento da ecolália (repete, normalmente, a ultima palavra da frase que lhe é dirigida);
- Apontar para um objeto que quer, acompanhado de uma vocalização alta e rápida ou com palavras simples;
- Gostar de cantigas, tentando acompanhá-las e tentando cantar.

### **Aspeto Socio-Afectivo:**

- Prestar atenção aos outros mas de forma muito ligeira;
- Interagir uns com os outros muitas vezes por questões de posse de objetos e utilizar a palavra “não” frequentemente ou comunicá-la gestualmente;
- Como grupo brincar em unidades isoladas tendo pouco contacto com os outros, mas sempre em movimento;
- Ter a tendência de quando uma criança se aproxima do adulto, também se aproxima;
- Brincarem, por vezes, duas crianças com um mesmo objeto sem qualquer interação;

- Precisarem do adulto, não necessariamente ao lado mas ao alcance para se sentirem seguras;
- Gostarem de experimentar, apalpar, puxar os cabelos, beliscar, morder, bater, ...

**Aspeto Linguístico:**

- Ter um palrar significativo de uma forma que promete em breve falar com a intenção de comunicar;
- Algumas crianças já têm duas ou três palavras (mamã, papá, não, ...);
- Reagir quando se chama pelo nome;
- Os mais velhos percebem quase tudo, desde que falado pausadamente e expressivamente e tem inclusivamente “conversas” respondendo com gestos e um palrado, resposta, queixa ou pergunta;
- Parecer ter descoberto as vantagens da linguagem como meio de expressão e de dominar objetos;
- Começar a usar palavras-frase e posteriormente frases curtas e simples.

# O Nosso Projeto

---

O nosso projeto surgiu, quando solicitado pela docente Marta Uva, no âmbito da disciplina de Prática Pedagógica em Educação de Infância e cujo objetivo é preparar-nos para a nossa futura Prática Pedagógica, despertando em nós futuras Educadoras, as possíveis problemáticas que podem surgir em contexto sala de aula, recorrendo a um processo de investigação sobre o trabalho e desempenho que no momento se pode verificar.

Ponderámos uma série de problemáticas, e depois de observarmos comportamentos do grupo de crianças que nos tinha sido atribuído, com idades compreendidas entre os 11 e os 23 meses de idade, assim como o espaço em que se encontravam inseridas. Decidimos desde então, implementar o Projecto Pedagógico intitulado: “ **Estará a decoração da sala adequada às necessidades das crianças?**”

Com a elaboração deste projeto pretendemos assim assegurar que a decoração de sala não é um simples aspeto a ter em conta, mas sim fundamental para as aprendizagens em contexto educativo e para todo o seu desenvolvimento, seja físico, social, ou mental. Desta forma tentamos compreender as necessidades das crianças, no que diz respeito aos materiais, decoração, estimulação, de forma a proporcionar-lhes um bom desenvolvimento, influenciando nas mesmas uma pré-disposição para aprender de forma estimulante e divertida.

Deste modo, pretendemos com o nosso projeto, perceber o quanto é importante as crianças possuírem à sua disposição materiais necessários para um crescimento saudável, assim como a decoração da sala proporciona uma melhor aprendizagem estimulando a criança a aprender. Contudo queremos melhorar este aspeto na sala onde nos encontramos, pois achamos que o espaço não se encontra suficientemente decorado, para favorecer a estimulação das crianças.

Este projeto decorrerá ao longo do 1º semestre e será construído e desenvolvido por nós estagiárias, Elódia Oliveira e Joana Pereira, com a colaboração da educadora cooperante e a supervisora de estágio.

Pretendemos que o nosso projeto seja o principal elemento identificador e caracterizador da nossa prática e tentaremos cumprir os objetivos propostos, podendo,

no entanto, surgir alterações, se necessário, para obtermos um bom processo de aprendizagem das crianças.

# Fundamentação Teórica

---

Na elaboração do nosso projeto pedagógico relativo à sala de um ano da Instituição “O milagre” em Santarém no referente ano letivo de 2011/2012, considerámos o nível de desenvolvimento do grupo, o envolvimento e participação de todos os intervenientes no processo de aprendizagem. Atendendo à faixa etária do grupo procurámos estabelecer um conjunto de objetivos e um plano de atividades que contemplassem as suas necessidades ao nível do desenvolvimento e da aprendizagem da criança através do espaço, decoração da sala.

Como tal, considerámos importante promover atividades que estimulassem a aprendizagem da criança e que ao mesmo tempo decorassem a sala enriquecendo o próprio espaço promovendo ao mesmo tempo o desenvolvimento da criança.

Assim, atribuímos ao nosso projeto a problemática “ **Estará a decoração da sala adequada às necessidades das crianças?**” como já referimos anteriormente, uma vez que as crianças necessitam de uma decoração apelativa para as despertar para o conhecimento e enriquece-las no que diz respeito ao bem-estar que o espaço sala lhes proporciona, visto ser o local onde estas se encontram diariamente. Para além disso permite também que as crianças desenvolvam regras de socialização, linguagem, a motricidade e o raciocínio lógico, quando constroem e falam em grupo sobre os materiais que construíram ou a temática que foi abordada na elaboração dos mesmos.

Para que todas as atividades aconteçam num clima harmonioso e de forma organizada, é desejável que a sala se encontre com espaços lúdicos que convidem à brincadeira livre, e à realização de atividades orientadas. A organização deste espaço é importante, porque condiciona positiva ou negativamente qualquer atividade praticada pelas crianças. Segundo Zabalza, “*o espaço na educação constitui-se como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das atividades instrutivas. Será facilitadora, ou pelo contrário limitador, em função do nível de congruência relativamente aos objetivos e dinâmica geral das atividades postas em marcha ou relativamente aos métodos educativos e instrutivos que caracterizem o nosso estilo de trabalho.*” (Zabalza, p.120,).

Pois a organização do espaço da sala é importante, porque proporciona maior motivação e alegria na prática de todas as atividades, se este for especialmente apelativo aos sentidos, (com cores, texturas, sons).

Para nós será um desafio tornar este espaço educativo, num local mais apelativo. Seria muito importante poder contar com ajuda dos encarregados de educação para enriquecer este espaço, através da elaboração de materiais para a sala em conjunto com os seus educandos.

Este espaço sala deve ser dinamizado com elementos lúdicos, coloridos e apelativos que despertem interesse, entusiasmo e vontade de brincar no espaço referido.

Pretendemos ainda criar oportunidades para explorar o espaço exterior utilizando o pátio para realizar brincadeiras livres, com materiais construídos em sala com as crianças.

Outro aspecto importante que se pode verificar no percurso do nosso projecto é o diálogo com as crianças. O desenvolvimento do seu vocabulário e da sua capacidade de comunicar verifica-se no diálogo com as restantes crianças da sala ou com o adulto, aprendendo a defender os seus pontos de vista, a ouvir e a considerar o do outro e a defender as suas convicções e que dialogar não é uma habilidade inata, as crianças aprendem a fazê-lo. Para isso é importante que tenham a oportunidade de participar com frequência em situações onde diálogo acontece, ouvindo, fazendo-se ouvir e manifestar a sua opinião, tal como iremos realizar ao longo do nosso estágio, quando expomos o tema que iremos abordar e trabalhar ou elaborando materiais para mais tarde os colocarmos na sala.

Assim o nosso projecto deve promover, através da nossa problemática, o diálogo com a criança, pois o sentimento e a sensação que a própria actividade desperta, podem ser transmitidas através do dialogo, se o adulto estimular a criança para tal.

A criança aprende a partir da exploração do mundo que a rodeia, assim o espaço educativo onde se encontram tem de ser rico em materiais pedagógicos e adequados às necessidades das crianças, para que a aprendizagem seja mais rica e consistente. É na sala que as crianças descobrem as relações consigo próprias, com os outros e com os objetos, o que significa pensar e compreender.

A organização do espaço, reflete as intenções educativas do educador pelo que os contextos devem ser adequados para promover aprendizagens significativas, alegria, o gosto de estar na creche e que potenciam o desenvolvimento integrado das crianças, tendo em conta que vão passar grande parte do seu tempo neste local.

Achámos bastante pertinente a colocação de algumas regras de como decorar a sala no ponto de vista do adulto e da criança. As regras que mais sobressaíram foram:

- A sala deve ser decorada com material, temas e cores adequados às crianças da respetiva idade anteriormente indicada;
- Deve expor-se figuras e outro material colorido (fotografias, mobiles...);
- O material deve ser exposto ao nível das crianças de forma a tornar-se facilmente visível;
- Os trabalhos realizados pelas crianças devem ser expostos;
- O material exposto deve ser protegido ou forrado com material adequado;
- O material e os brinquedos ou jogos expostos, devem ser regularmente mudados de local, de forma a permitir novas mudanças da disposição da sala, estimulando assim o interesse por parte da criança;
- A sala deve encontrar-se arrumada e organizada em função da criança e deve permitir ao adulto uma contínua supervisão das interações que estão a decorrer;
- A decoração da sala deve ser sempre tema de diálogo com as crianças devem participar na elaboração do material e na decoração da sala.

Relativamente ao material lúdico pedagógico que deve ser utilizado nas atividades deve:

- Ser adequado à faixa etária das crianças;
- Encontrar-se em boas condições de higiene e conservação;

- Ser frequentemente mudado de sítio e guardado, permitindo a sua rotação pelos espaços da sala, procurando manter o interesse da criança;
- Ser não tóxico e de fácil lavagem e limpeza, permitindo que a criança o utilize em adequadas condições de segurança e higiene;
- Ser suficiente para poder envolver todas as crianças em atividades espontâneas ou propostas, adequadas ao seu desenvolvimento global;
- Ter diferentes texturas e ser feito de materiais diversos e de diferentes cores.

Concluindo, estes materiais devem estimular uma variedade de competências e de aprendizagens por parte de cada criança, permitindo uma multiplicidade de utilizações por parte da mesma, em adequadas condições de segurança.

*“Os conhecimentos não provem, nem dos objetos, nem da criança, mas sim das interações entre a criança e os objetos”. - Jean Piaget*

Posto isto, achamos que não é preciso ter tudo preparado ou previsto desde o primeiro dia, pois pode haver necessidade de realizar alterações no decorrer do ano. O espaço sala pode ser organizado e preparado em função dos diferentes temas e das necessidades que sejam detetadas, segundo os objetivos planeados e às idades das crianças.

Na organização da sala e dos espaços adjacentes, neste caso o fraldário, é preciso considerar os objetivos educativos que a esses se referem. Nesta idade, a autonomia é uma das finalidades importantes, logo, para conseguir esses objetivos, é preciso levar em conta as condições que os facilitem.

A organização da sala, das estantes, dos armários e dos cantinhos deve possibilitar a utilização progressiva da autonomia de maneira a que a criança possa realiza-la sozinha. Por isso consideramos tão importante prever todas estas questões, sendo necessário que nos coloquemos no lugar das crianças, tentando reconstituir o espaço e aquelas tarefas que queremos exigir delas.

Deste modo, e como forma de enriquecer o nosso projeto, iremos completar o mesmo com fotografias, tanto do espaço onde nos encontramos a estagiar, como das atividades planeadas por nós, uma vez que consideramos este tipo de suporte é extremamente importante no que diz respeito à avaliação do mesmo.

|  |  |  |   |
|--|--|--|---|
| <b>O que os alunos podem aprender</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Várias temáticas a serem abordadas pelo adulto responsável da sala;</li><li>• Cores;</li><li>• Formas;</li><li>• Conhecimento de diversos materiais para explorarem;</li><li>• Desenvolvimento individual;</li><li>• Maneira individualizada de ver o mundo e o que as rodeia.</li></ul> | <b>Estratégias a serem desenvolvidas</b> <p>Trabalhar o desenvolvimento da criança estimulando a mesma a aprender, de forma lúdica, educativa e criativa. Desta maneira, iremos decorar a sala onde nos encontramos a estagiar, com imagens, jogos, livros, cores e outras coisas que surgirão ao longo das temáticas que abordaremos com as crianças.</p> | <b>Como iniciar:</b> <p>Iniciaremos este projeto decorando a sala com a temática do corpo humano e figuras alusivas ao Natal. Os nossos objetivos serão iniciados durante as rotinas e as atividades das crianças. Pois poderemos adotar qualquer tipo de ilustração ou jogo, livro durante o dia das crianças, desde que chegam de manhã até ao final do dia.</p> | <b>Recursos:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Cartolinas;</li><li>• Papel Autocolante;</li><li>• Tintas.</li><li>• Bostic ou pioneses;</li><li>• Cartão;</li><li>• Pincéis;</li><li>• Cola;</li><li>• Lápis de cor e cera;</li><li>• Velcro;</li><li>• Canetas;</li><li>• Fio de côco.</li></ul> |
|--|--|--|---|

|   |   |  |  |
|---|---|--|--|
| <p><b>Conexões com outras matérias e saberes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fomentar a relação com os outros desenvolvendo a sua socialização (esperar pela sua vez; escutar as opiniões das outras crianças; brincar com os amigos partilhando os materiais da sala)</li> <li>• Quase todas as atividades dirigidas ou livres estão patentes nos objetivos delineados neste tema.</li> </ul> | <p><b>Objetivo:</b> Estimular a aprendizagem e o desenvolvimento da criança de forma lúdica</p>   |  | <p><b>Apresentação final:</b></p> <p>Grelhas de avaliação da evolução do desenvolvimento da criança, observando o gosto e o interesse pela aprendizagem, sendo apresentado em fotografias ocorridas no momento da mesma.</p>   |
| <p><b>Atividades para toda a turma</b></p> <p>Elaborar materiais com as crianças para que as mesmas consigam explorar os mesmos participando na decoração da sala e consequentemente aprendam sobre o tema abordado.</p> <p>Quando terminadas as brincadeiras livres e a exploração dos materiais decorativos, as crianças devem saber arrumar</p>  | <p><b>Atividades em grupo</b></p> <p>Nas atividades de grupo realizaremos exploração de material ou apresentação de algo a ser colocado em sala, para que seja fácil, chamando a atenção de todas as crianças, brincando como se fosse uma surpresa para a sala onde se</p> | <p><b>Atividades individuais</b></p> <p>Nas atividades individuais, realizaremos as mais difíceis de fazer nesta idade, tais como pintura. Estas atividades requerem que o adulto esteja mais atento à criança, para que esta não leve nada a boca, nem que se suje. Para além disso é</p> | <p><b>Avaliação:</b> <u>Observação direta</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Se as crianças arrumam espontaneamente o material;</li> <li>• Se o desenvolvimento da criança é bem concebido;</li> <li>• Se a criança é estimulada;</li> <li>• Participa nas tarefas da</li> </ul> |

espontaneamente o material da sala. Para tal todos os dias, todas as crianças serão incentivadas a arrumar o espaço onde brincam.

Durante as atividades dirigidas e as brincadeiras livres promover nas crianças a importância de aguardar a sua vez para falar. Para tal serão promovidas conversas para ensinar a esperar pela sua vez de falar ou esperar por um jogo, livro ou outro tipo de material elaborado. Sempre que necessário serão interpeladas/ ajudadas, no contexto, a desenvolver a capacidade de saber esperar.

A partilha dos materiais será outro dos objetivos a trabalhar. Assim, todos os momentos servirão para demonstrar e incentivar a criança a partilhar.

encontram diariamente. As atividades de grupo, são atividades muito complicadas de gerir quando falamos de crianças com apenas um ano de idade. Pois a sua concentração é momentânea, logo chamaremos a atenção de todos durante um curto tempo para realizar a aprendizagem participando na atividade de forma engraçada e motivadora, levando assim materiais inovadores e criativos que estimulem a concentração, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

uma atividade que a criança pode explorar o material durante o tempo que quiser, explorando a sua criatividade, tirando prazer do que realiza no momento mas para que estas atividades sejam realmente bem-feitas proporcionando o devido prazer às crianças, têm de ser muito bem supervisionadas e com a ajuda do adulto.

sala;

- Se a criança sabe esperar pela sua vez;
- Se a criança sabe brincar e partilhar com os outros,
- Se a criança adquire os conhecimentos abordados nas temáticas.

# Bibliografia

---

- CAVALCANTI, J. (2004), Caminhos da literatura infantil e juvenil – Dinâmicas e vivências na acção, Paulus;
- GRANGER, M<sup>a</sup>. Guia para Montagem e Funcionamento de uma Creche
- HENDRICK, J. (1998). Total Learning, Developmental Curriculum for the Young Child. New Jersey. Merrill/ Prentice-Hall;
- M.E. (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: M.E. / DEB – NEPE.
- M.E. (1998). Qualidade e Projecto – na Educação *Pré-Escolar*; Lisboa: DEB (Núcleo de Educação Pré-Escolar);
- PORTUGAL, G. (2000). Educação para bebés em Creche, Perspectivas de Formação Teóricas e Práticas. In Infância e Educação. Revista GEDEL, nº1;
- PRÉ – ESCOLAR, Lisboa: Editorial do Ministério da Educação;
- R. I. EVANS (1973) Piaget: Os homens e as suas ideias;
- SPODEK, B.e SARACHO, O. (1998) Ensinando crianças de três a oito anos. Porto Alegre. ArtMed;
- ZABALZA, M. (1992). *Didáctica da Educação Infantil*; Lisboa; Edições ASA

# Webgrafia

---

- [http://www.mundodoabc.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=33&Itemid=1](http://www.mundodoabc.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=33&Itemid=1)
- <http://criandocrianças.blogspot.com/2008/06/fases-do-desenvolvimento-infantil.html>
- <http://www.sobre.com.pt/jean-piaget-conteudo-sobrecompt>
- <http://www.teliga.net/2007/11/o-nascimento-da-inteligencia-na-criana.html>

### **Anexo III - O que dizem as crianças**

| Categoria                                      | Subcategorias                              | Crianças A e B   | Crianças C e D              | Crianças E e F                        |
|--|--|--|-----------------------------|---------------------------------------|
| II - Antes da exploração da nova área exterior | 1. Quais são as áreas que existem na sala? | “Casinha e garagem, jogos, desenhos e biblioteca e plasticina”.    | “Jogos, casinha...”         | “Jogos, computador, casinha, livros”. |
|  | 2. Para que servem?                        | “Para a gente brincar”.  | “Para jogar, para brincar”. | “Para brincar”.                       |
|  | 3. O que aprendes nelas?                   | “Aprendemos a fazer coisas muito bonitas e desenhos muito lindos”. | “Tratar bem os bebés”.      | “Não sei...”                          |

|  |   |   |  |  |
|--|---|---|--|--|
|  | <p>4. Onde é que gostas mais de estar?</p> <p>5. Porquê?</p>                            | <p>“Na casinha”.</p> <p>“Porque é giro”.</p>                              | <p>“Na casinha dos bebés”.</p> <p>“(…) tem tudo para a gente brincar”.</p>     | <p>“Eu gosto de computador”.</p> <p>“(…) tem jogos, e eu gosto de jogar um jogo que o meu irmão também tem”.</p> |
|  | <p>6. Existe alguma área nova que gostarias de ter na sala?</p> <p>7. E no recreio?</p> | <p>“Sim”.</p> <p>“e no recreio também, um parque grande, baloiços...”</p> | <p>“Sim...olha não sei”. Pode ser um barco e (...) um avião”.</p> <p>_____</p> | <p>_____</p> <p>“(…) no recreio gostava de ter um campo de moto quatro e de motocross”.</p>                      |

| Categoria   | Subcategorias                                     | Crianças G e H   | Crianças I e J   | Criança K                                    |
|---|---|--|--|--|
| <p>II - Antes da exploração da nova área exterior</p> | <p>1. Quais são as áreas que existem na sala?</p> | <p>“Garagem, casinha, jogos, ver livros, fazer desenhos, jogar computador e brincar com os fantoches”.</p> | <p>“Garagem, casinha, jogos, jogos da Barbie e computador”.</p>      | <p>“Casinha, Garagem e jogos e Barbies”.</p> |
|   | <p>2. Para que servem?</p>                        | <p>“Para brincar”.</p>   | <p>“Para nós brincarmos muito... e fazemos muitas coisas nelas”.</p> | <p>“Para nós brincarmos”.</p>                |
|   | <p>3. O que aprendes nelas?</p>                   | <p>“A jogar”.</p>  | <p>_____</p>   | <p>_____</p>                                 |

|  |   |   |  |                                       |
|--|---|---|--|---------------------------------------|
|  | <p>4. Onde é que gostas mais de estar?</p>                      | <p>“Na casinha” e “na garagem”.</p>                           | <p>“Na rua” e “na sala”.</p>                                   | <p>“Na casinha”.</p>                  |
|  | <p>5. Porquê?</p>   | <p>“Porque tem muitos brinquedos” e “(...) muitos jogos”.</p> | <p>“Porque gostamos” e “(...) é divertido”.</p>                | <p>“Porque gosto”.</p>                |
|  | <p>6. Existe alguma área nova que gostarias de ter na sala?</p> | <p>“Sim, era a garagem...” e “a casinha...”</p>               | <p>“Sim, na sala, bonecas (...)”.</p>                          | <p>“Não (...)”.</p>                   |
|  | <p>7. E no recreio?</p>   | <p>“No recreio era um baloiço e um escorrega...”</p>          | <p>“(...) e no recreio brinquedos... Muitos brinquedos...”</p> | <p>“(...) no recreio também não”.</p> |

| <b>Categoria</b>                              | <b>Subcategorias</b>                          | <b>Crianças D e H</b>              | <b>Crianças I e J</b>                 | <b>Crianças A, B e K</b>                                       | <b>Crianças E e F</b> | <b>Crianças C e G</b>             |
|---|---|------------------------------------|---------------------------------------|--|-----------------------|-----------------------------------|
| III - Após a exploração da nova área exterior | 1. Qual é a nova área que existe no exterior? | “(…) Ah é um palco”.               | “(…) Ah um palco”.                    | “(…) Um palco”.  | “Um palco”.           | “Um palco”.                       |
|   | 2. O que fazes nela?                          | “Brincamos”.                       | “Cantamos e dançamos”, e “brincar”.   | “Brincamos” e “fazemos (...) teatros”.<br>“Fazemos fantoches”. | “Canto”.              | “Brincar”,<br>“cantar” e “jogar”. |
|   | 3. O que é que aprendes lá?                   | “Aprendemos a dançar e a brincar”. | “Que é bom dançar” e<br>“(…) cantar”. | “A brincarmos todos” e “a desenhar”.                           | “Não sei”.            | “Aprendo a jogar à bola...”       |

|  |                                     |  |                                     |                             |           |                                |
|--|-------------------------------------|--|-------------------------------------|-----------------------------|-----------|--------------------------------|
|  | 4. O que mais gostas de fazer nela? | “Eu gosto de dançar” e “(...) de fazer rodas”. | “Eu de pintar e eu de fazer rodas”. | “Fazer jogos” e “desenhar”. | “Cantar”. | “Todos a brincar” e a “dançar” |
|--|-------------------------------------|--|-------------------------------------|-----------------------------|-----------|--------------------------------|

## **Anexo IV - O que dizem as educadoras**

| <b>Categoria</b> | <b>Subcategorias</b>  | <b>Educadora A</b>  | <b>Educadora B</b>   |
|------------------|---|---|--|
| II - Entrevista  | <p>1. Considera que a organização do ambiente educativo (espaço-materiais) influencia as aprendizagens das crianças? Como?</p> <p>2. Pode dar um exemplo?</p> | <p>- “Considero que sim. O espaço deve ser organizado por áreas distintas proporcionado às crianças experiências diversificadas e momentos lúdicos de aprendizagem”.</p> <p>- “Na área da escrita deve haver materiais tais como: folhas, blocos, revistas, jornais, cartões com imagem associada à palavra, dando oportunidade à criança de “imitar” a escrita despertando assim o interesse</p> | <p>- “Sim influencia”. O “espaço deve obedecer (...) a cuidados estéticos e de qualidade pedagógica”.</p> <p>- “Qualquer sala de atividades deve dispor de material escolhido criteriosamente obedecendo a padrões de qualidade pedagógica”.</p> |

|  |  |   |  |
|--|--|---|--|
|  |  | pela leitura e pela escrita”.   |  |
|  | 3. No início do ano letivo quais são as preocupações quando organiza o ambiente educativo? | <ul style="list-style-type: none"> <li>- “As características das crianças, os seus interesses e a faixa etária”;</li> <li>- “Todas as áreas devem estar equipadas com materiais variados e à disposição das crianças, facilitando o seu acesso”.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Procuro ter um espaço organizado que possibilite o desenvolvimento de competências em vários domínios e áreas de conteúdo, bem como fomenta a autonomia das crianças”;</li> <li>- “Na organização do ambiente educativo, a educadora deve procurar organizar o espaço, de modo a permitir que a criança possa ter ao seu alcance uma grande variedade de materiais apelativos, e que deem resposta às suas várias necessidades tanto a nível cognitivo, como motor, sensorial e afetivo”.</li> </ul> |

|  |   |   |   |
|--|---|---|---|
|  | <p>4. Quais são as áreas que tem sempre a funcionar nas primeiras semanas de aulas?</p> <p>5. Porquê?</p> | <p>- “A área da casinha, jogos de mesa, construções, pintura e a biblioteca”.</p> <p>- “Porque penso serem importantes no desenvolvimento da criatividade, autonomia, concentração, linguagem, destreza manual e socialização”.</p> | <p>- “Área do faz de conta; da expressão plástica; jogos e biblioteca”.</p> <p>- “Por uma questão de dinâmica curricular. Estas áreas são do agrado das crianças e proporcionam uma interação com espaço, materiais e crianças que vão ter continuidade ao longo do ano”.</p> |
|--|---|---|---|

|  |  |  |   |
|--|--|--|---|
|  | <p>6. Ao longo do ano letivo vai mudando a organização do espaço-materiais? As áreas de atividades vão sendo modificadas? Pode dar um exemplo?</p> | <p>- “Geralmente não costumo mudar a organização do espaço-material, vou introduzindo novos espaços, como por exemplo a área das ciências, da escrita (...). O espaço e os materiais só são modificados se for necessário alterar a dinâmica da sala”.</p> | <p>- “O espaço é modificado sempre que se note necessidade para o bom funcionamento da sala”;</p> <p>- “Os materiais são sempre alvo de remodelação: quando são necessárias abordagens mais complexas pelas crianças; quando não existe motivação; quando outras áreas emergem como necessárias”.</p> |
|  | <p>7. As crianças costumam participar nesta organização? De que maneira?</p>   | <p>- “Sim, na escolha de alguns materiais para as áreas. O número de crianças por área também é estipulado com o grupo. A biblioteca é organizada com as crianças. O quadro das presenças, do tempo entre outros são elaborados pelas crianças”.</p>       | <p>- “Às vezes sim, outras não. Normalmente participam na organização do espaço e dos materiais: através de sugestões sobre o espaço físico e de propostas de aquisição e construção de novos materiais. Outras vezes sou eu que</p>  |

|  |  |   |  |
|--|--|---|--|
|  |  |   | apresento alterações, porque é necessário que a dinâmica de organização educativa seja feita (...) num clima de expectativa, de surpresa e encantamento com a criação de novas propostas”. |
|  | 8. Quais são as áreas de atividades que considera importantes para as aprendizagens das crianças e que tem sempre na sala? | - “A área da casinha, garagem/construções, pintura/desenho, biblioteca, computador, jogos de mesa”. | - “Todas, sem exceção”.  |
|  | 9. Das áreas que tem atualmente na sala quais são as que as crianças preferem?   | - “Neste momento a área da casinha, pintura/desenho, garagem/construções e os jogos de mesa”.       | - “Todas elas são procuradas, mas as áreas da casinha, do computador e garagem são as mais requisitadas”.  |

|  |   |   |   |
|--|---|---|---|
|  | <p>10. E o que pensa da área que foi criada no recreio?</p> | <p>- “Na minha opinião foi uma área que veio enriquecer o espaço exterior, sendo mais um recurso para ser utilizado pelas crianças”;</p> <p>- “Este palco permite às crianças interagirem umas com as outras e desenvolverem a imaginação e a criatividade”;</p> <p>- “Para algumas crianças é importante para se desinibirem e ultrapassarem os seus receios de se exporem perante os outros”.</p> | <p>- “Muito importante (...). (...) O espaço exterior teve uma intervenção que amplia a importância do espaço, fora da sala de atividades, na criação de novas oportunidades educativas”.</p> |
|--|---|---|---|